Gustavo Barroso

O Integralismo em Marcha

2.ª Edição

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S/A - Editora

BRASIL — [damaged]
DE BAN[damaged]
de Gustav[damaged]

5.ª EDIÇÃO

Fazendo a triste [damaged]ria da nossa vida e[damaged]mica, triste porisso[damaged] sempre subordinada ao[s] interesses dos banqueiros extrangeiros, o sr. Gustavo Barroso tem, neste livro, um alto documentario, um magnifico e authentico grito de libertação, porisso que êle denuncia, nas paginas de "BRASIL — COLONIA DE BANQUEIROS", uma situação que urge modificar, e um estado de coisas que é preciso ser corrigido pelas gerações vindouras.

Livro de cultura e, principalmente, livro de combate, e de combate violento em campo aberto, esta é uma das obras indispensaveis a todas as bibliothecas nacionalistas e a rapidez com que a sua primeira edição foi vendida, bem mostra que o publico brasileiro soube comprehende-la.

Vol. broch. . . . 6$000

●

O BRASIL EM FACE DO PRATA
de Gustavo Barroso

grande volume em que o ilustre membro da Academia Brasileira de Letras reuniu uma serie de ensaios e artigos sobre o que foi a obra civilizadora do Imperio em toda a America do Sul. Escritas com simplicidade e clareza, essas paginas assumem, ás vezes, c[damaged]ter de combate, pois[damaged] tem op[damaged]dade[damaged] referir, [damaged]alh[damaged] certos [damaged] da historia[damaged]me[damaged] primido[damaged] res e [damaged] trange[damaged]

O Integralismo em Marcha

OBRAS INTEGRALISTAS DE GUSTAVO BARROSO

1 — O Integralismo em marcha, 2.ª edição.
2 — O Integralismo de Norte a Sul, 2.ª edição.
3 — A palavra e o pensamento Integralista, 5.º milheiro.
4 — O que o Integralista deve saber, 4.ª edição.
5 — Brasil - colonia de banqueiros, 5.ª edição.
6 — Espirito do seculo XX, 2.ª edição.
7 — O Integralismo e o Mundo.
8 — O quarto Imperio (Posição do Integralismo na História Universal).
9 — Os Protocolos dos Sabios de Sião, 2.ª edição.
10 — História Militar do Brasil.
11 — História Secreta do Brasil, 1.ª parte.

CARTA A' MOCIDADE BRASILEIRA

Moços do meu Brasil,

O crepúsculo que Barbusse previu logo depois da grande guerra alastra pelo mundo as suas sombras tristes. O liberalismo impotente e hipócrita agoniza. O credo comunista cria duas humanidades, declarando que nem a morte apága o antagonismo entre o operario e o burguês. Mais horrendo que o fantasma das discordias civis, se ergue o espectro da guerra de classes. Ao embate das contradições, o nosso país corre para o naufragio. Só a mocidade, que é o futuro, lhe resta como taboa de salvação, sómente ela é capaz de renová-lo, como, ao som da Giovinezza, reformou a Italia, concertou Portugal e redimiu a Alemanha.

Do alto das serranias do meu patrio Ceará,

quando o sol inclemente das sêcas combure os esqueletos das catingas e todo o sertão imenso se alonga nú e preto, as copas verdes dos joazeiros uteis e heroicos, cuja sombra abriga a rez sequiosa e o vaqueiro emagrecido, cuja rama e cujo fruto alimentam o gado e o retirante, pontilham a desolação. Quanto mais a estiagem se prolonga, quanto mais a canicula dos longos dias estivais calcina a terra infeliz, e mais cresce a solidão, e mais aumenta a agonia, mais viçoso, mais belo, mais senhoril e mais verde pompêa o joazeiro como um estandarte de Esperança!

Sêde como o joazeiro, moços do Brasil! Sêde como o joazeiro, erectos, varonis e sempre cheios de fé, tanto mais erectos, mais varonis e mais cheios de fé quanto mais cresçam as dôres, aumentem as provações e se multipliquem as dificuldades!

Meu olhar se espraia pelos largos horizontes da Patria e avista as negras nuvens que ficaram para trás, e os nimbus escuros que se adensam á nossa frente. A complexidade dos problemas nacionais desafia o esforço da geração nova. Na vasta planicie lamacenta dos

preconceitos e da inercia, das chatices e dos conchavos pessoais, os moços idealistas, ainda não contaminados pelas baixezas do ambiente, são os uteis e heroicos joazeiros verdes em que residem as derradeiras esperanças do Brasil, moços de hoje, homens de amanhã, construtores da futura sociedade.

Unicamente vós podereis opôr barreiras intransponiveis ao alude das maiorias incapazes e aos assaltos das minorias estereis que guerrêam a arte e a ciência, que combatem os mais altos, nobres e sagrados ideais humanos, pretendendo reduzir o panorama das patrias a pantanos peçonhentos ou a monotonas estepas moscovitas. Sómente a mocidade poderá salvar o mundo.

Falo-vos com o coração, do meio do caminho da minha vida em que não pratiquei um áto de que me possa envergonhar. Falo-vos com a convicção duma doutrina e com a força dum idealismo construtor. São já demasiadas as ruinas que enchem a superficie da terra. Antes de descer a ladeira sombria da montanha a que trabalhosamente subi, sorrio de prazer, porque

avisto por cima da paisagem causticada de sol, agitados ao vento da manhã radiosa, os verdes e gloriosos estandartes da mocidade!

GUSTAVO BARROSO.

O INTEGRALISMO NO SENTIDO FILOSOFICO

A politica não póde ser a arte mesquinha de enganar os homens para obter e conservar posições de lucro ou de mando. A politica não póde ser o sistema de iludir os povos para explorá-los nas situações de predominio. A politica não póde ser a coordenação da astucia e da força para imperar sobre as nações. A politica não póde ser o empirismo maquiavelico que os chamados espiritos praticos apregôam. Não! A politica é uma ciência de alto valor moral que ensina a dirigir sábia e honestamente os homens, organizando-os com disciplina e justiça em corpos coletivos, orientando-os para o progresso dentro da ordem e da moralidade, procurando, assim, torná-los tão felizes quanto o permitam as possibilidades de seu destino á face da terra.

Entendendo desta sorte a politica, não a podemos conceituar alheada dos sentimentos superiores da moral e dos imperativos da cultura. Eis por que, logo á primeira vista, a Ação Integralista Brasileira se nos apresenta como um movimento notavel e consolador. Notavel, se o compararmos com as ideologias ôcas e baratas que teem pululado na nossa vida nacional, baldas do menor vestigio de inteletualidade. Consolador, se o compararmos com a vacuidade de nossos ambientes politicos-sociais, eivados quando muito de superficialismos racionalistas e da famosa cultura juridica, que Deus haja.

A autoridade com que falamos decorre de não estarmos aqui para pedir votos, afim de nos elegermos deputados. Não convocamos os que nos ouvem para trovejar imprecações vazias contra os regimes do passado ou do presente, frutos de suas épocas. Não usamos da eloquencia retumbante e ôca dos exploradores do oposicionismo. Não concitamos ninguem á conjura, á revolta, ao atentado politico, para nos apoderarmos do poder, disputando proventos e colocações, pastas e cartorios. Doutrina-

mos com o que aprendemos e provamos ser a verdade. Ensinamos como se devem encarar os fenomenos politicos-sociais. Formamos uma corrente de idéas que riscará o rumo do Brasil Novo. Somos, afinal, aquêle verdadeiro espirito revolucionario de que tanto se tem falado dêsde 1930. Encarnamo-lo, porque os que diariamente para êle apelam até hoje o não definiram á nação ansiosa numa sintese doutrinaria, espalhando ensinamentos convincentes e marcando uma róta segura; porque dizemos com entusiasmo e convicção moça á Patria em colapso que não descrêa de sua capacidade de renovação e transformação, que seu caminho é aquêle que o estudo, a meditação, o senso moral nos deram a força necessaria para indicar-lhe. No nevoeiro que se estendeu sobre o país após a derrocada do presidencialismo, que viveu pouco menos de meio seculo, o Integralismo é o primeiro farol que brilha, indicando um porto.

Preparamos o espirito brasileiro a receber nossas idéas, pondo-o pouco a pouco, pela palavra e pela ação, em estado de compreendê-las. No dia em que êsse espirito estiver conosco —

o que levará menos tempo do que pensam os inertes e aquêles ricos de espirito a que alude Plinio Salgado — dominaremos o cenario nacional. Não queremos ser um partido, porque representamos as primeiras celulas de um todo, porque seremos um dia êsse todo, arquiteturado coesamente na ordem, na hierarquia e na disciplina. Não pretendemos o poder-força, poder passageiro, transitorio, ganho pela astucia, pela intriga, pela aventura e mantido pelo terror, pela violencia ou pela manha. Queremos o poder-autoridade, como um direito real que compete aos mais cultos, como atribuição que assiste aos mais capazes, poder de que carecemos, não para explorar a Patria, mas para engrandecê-la, e que manteremos pelo ascendente da perseverança, da cultura e do amor ás eternas verdades norteadoras da superioridade mental do Homem. Queremos acabar a inquitação provinda das aventuras, dos empirismos e dos extremismos, integralizando as forças vivas da nação num modus governamental equilibrado, num Estado totalitario que abranja o Homem nos diversos

aspetos de sua natureza e de sua atividade, material, mental e espiritual.

Os movimentos politicos sempre fôram frutos proximos ou remotos de doutrinas filosoficas. As revoluções se desencadêam em virtude das idéas que elas agitaram, embora muitas vezes erroneas ou prejudiciais nos seus principios basicos. Porque nenhuma organização politica se manifesta no dominio dos fátos sem antes se ter manifestado no dominio das idéas. Objetiva-se, depois de haver sido subjetiva. Dessa concepção filosofica decorre o raciocinio de nossas deduções no terreno da sociologia. Na idéa reside, queiram ou não queiram materialistas e positivistas de qualquer escola, a centêlha divina do Homem, pois a idéa é divina no seu carateristico essencial. Ubiqua, está em toda a parte ao mêsmo tempo, dividindo-se sem perder a unidade. Quem tem uma idéa e a espalha por milhões de cerebros dissemina milhões duma unidade, que continua integralmente na sua posse e em milhões de lugares.

Sem a base do conhecimento da constituição do Homem, tanto material como inteletual

e mêsmo metafisica, se o quiserem, não é possivel traçar as linhas mestras de sua vida social e politica. Como levantar um edificio sem a exata ciência do seu material de construção? Para quem estudam, trabalham, agem filosofos, sociologos, legisladores e politicos no bom sentido desta última palavra? Para o Homem. Então, qual seu conhecimento básico indispensavel? O do Homem. Mas que Homem? O dos naturalistas e racionalistas, o "homem nú de corpo e de espirito abandonado na terra confusa e selvagem" de Volney, o da antropologia ou melhor da antropografia, o do transformismo? O homem-animal, parte unicamente do reino animal com a simples e única diferença da razão, qualidade que a natureza lhe deu por mero capricho, como deu escamas a alguns peixes e bôlsa maternal ao cangurú?

Essa diferença lembra conhecida anedota. Em França, numa reunião de feministas, uma delas pronunciou terrivel catilinaria contra os homens, terminando-a com estas palavras que acreditava sábias: "Afinal, entre êsses bipedes e nós, existe somente uma pequena diferença!"

E, logo, as mais moças apartearam-na com entusiasmo: "Viva a pequena diferença!" Pois bem, se entre nós e os macacos, nossos imediatos na série animal, unicamente ha essa pequena diferença, viva a pequena diferença!

Viva! E' ela que responde ás perguntas que acabei de fazer. O Homem que consideramos é o Homem Integral, corpo, razão e espirito, necessitado de alimentar-se e de amar, mas tambem necessitado de liberdade disciplinada, guiado por um destino superior que se manifesta pela virtude e pela inspiração.

Ao organizador social que encare o Homem como simples animal racional, limitado ás contingencias da grosseira materialidade da vida, somente pódem ocorrer leis instintivas, mediatas e precarias. Êle só viu um lado do problema humano. O socialismo sái dessa corrente. Do organizador que encare o Homem como razão pura unicamente pódem brotar leis abstratas, de efeito pratico ineficiente, que se dilúem no espaço e no tempo ao léu das circunstancias, pois êle só viu o outro lado. Foi êste o defeituoso alicerce do movimento filosofico que produ-

ziu a Revolução Francesa, creadora da ridicula Deusa-Razão. Para sermos Integralistas, temos de ver êsses dois lados e mais um terceiro que os concilie, integrando-os. Como os dois principios que os representam são inconciliaveis sem uma força mediadora e reguladora, integralizamos sua ação, controlando-a pela cultura, sob o ascendente da Moral Superior, da Moral Divina. Assim fundamentamos filosoficamente o nosso modo de enquadrar e resolver o problema politico do ponto de vista geral ou universal e, com as particularizações necessarias, do ponto de vista brasileiro.

Ensinam as mais antigas cosmogonias que o Homem, materia animada por um espirito susceptivel de exaltação e de degradação, é um laço, um meio de comunicação, um fio de ligação, um fiel de equilibrio mêsmo, entre o Creador e a Creação, no âmbito dêste planeta, tanto que seu aparecimento é posterior aos minerais, aos vegetais e aos animais. A ciência positiva comprova êste último fáto, admitindo que somente surgiu no periodo denominado Quaternario.

Para que seja digno da superioridade de seu destino, é inteligente e livre. Mas, como nada póde ser absoluto alem do Absoluto a que nosso espirito não póde atingir, sua liberdade de ação é limitada pela predestinação da materia, pelo encadeamento fatal das causas e efeitos naturais. Desta maneira, o livre arbitrio e a predestinação existem, contrarios e contingentes, sem que o primeiro seja unico e dominante como querem os que levam o espiritualismo ao exagero, sem que o segundo tambem assim o seja como entendem os exageradores do materialismo. Um individuo filho de negros ou de brancos está predestinado a ser da raça de seus pais, sem que sua vontade possa modificar-lhe os carateristicos. Entretanto, ela poderá exercer-se no dominio moral e espiritual para ele proprio, no dominio fisico para seus descendentes.

Pertencendo á materia e dotado de vontade, o Homem tem ainda a noção integral do universo, a concepção da eternidade e uma certa percepção do infinito, que é sua maior gloria; e, quando um principio superior de bondade,

uma inspiração superior de verdade, uma exaltação superior de fé ou de sabedoria lhe nortêa a ação, nada se contrapõe a sua marcha vitoriosa. Reflexo sintetico de todo universal, tanto que os antigos o denominaram Microcosmo, o universo em miniatura, segundo a palavra do Evangelho sua fé move montanhas.

O estudo ontologico do Homem no-lo revela, em consequencia do exposto, dotado de triplice natureza, que só os cegos negarão: instintiva ou material, animica ou racional e inteletual, espiritual ou superior. Em todas as doutrinas, essa verificação se perpetua com o cunho das verdades eternas. Corpo, alma e espirito para os esotericos. Carne, instinto e alma para os espíritas. Materia, sub-consciente e consciente para os homens de ciência, mêsmo os mais materialistas. A cada uma dessas naturezas corresponde uma série de fenomenos que formam a existencia ativa do Homem em todos os raios de sua projeção: necessidades, paixões e inspirações ou idéas.

Para explicar os fundamentos filosoficos, a base cultural da Ação Integralista, temos de

fazer êsse estudo do Homem, porque não é possivel legislar sobre e para êle, nortear-lhe a atividade social, dirigir-lhe a economia e o espirito, sem conhecê-lo na sua ontologia, de onde vem, o que é, para onde vâi. Sobretudo o que é do ponto de vista de seus diversos aspétos, tanto materiais como mentais e morais.

Anaxagoras o definiu um animal que tudo deve á engenhosa disposição dos dedos de sua mão. Seus discipulos, até Helvetius e até Anatole France repetiram a *trouvaille*. Considerando-o dêsse modo, escorregamos para a unilateralidade das concepções socialistas, que só querem ver os fenomenos materiais. Hobbes, com o seu sensualismo utilitario, sucedendo a Bacon, é o avô dessas teorias condenaveis. Para êle, tudo é materia e movimento. Como só considera dois moveis para as ações — desejo do prazer e receio da dôr, sua moral é o utilitarismo, e o despotismo se justifica pela manutenção da ordem e da paz. Transportemos a teoria para uma classe, com o Estado proprietario e capitalista, teremos as delicias comunistas.

Não. O Homem não é isso tão somente,

nem um aparelho transformador de sensações em reflexões, como queria Condillac, porem uma das potencias do mundo, destinada a dominar a natureza inferior pela inteligencia, modificando-a, harmonizando elementos, coordenando e aplicando energias naturais psiquicas, de modo a integralizar-se numa evolução constante e superior. O grande poeta Alfieri denominou-o *la pianta uomo*. E' efetivamente uma planta no jardim da civilização, jardim que dessa planta ao mêsmo tempo depende, de sorte que é sobre seu estado social que se alicerça a grandeza da propria civilização.

Suas tres naturezas refletem o ternario universal. Preso pela parte inferior, instintiva, sensual á cadeia da sucessão de causas e efeitos da materia, essa fatalidade de seu destino o obriga á necessidade do alimento e da reprodução. Pertence nisso ao passado — experiencia, velocidade adquirida, hereditariedades. Mas a vontade, de essencia livre, arranca-o da ganga bruta, modificando relativamente o que existe, creando fórmas novas. E' como se manifesta no presente, com intuições do futuro, gerando na

vida dos povos as revoluções. Acima da ação determinista da natureza e da liberdade condicional da volição, brilha o principio superior que o encaminha, lei imanente e eterna da sabedoria e da moral, Providencia que, através da sucessão de fórmas do tempo, o levará á perfeição. Encarando a sociedade, os deistas só vêem um principio — Deus; os racionalistas, um — a vontade humana; os marxistas, um — o imperio das chamadas leis naturais. Nós vemos os tres, damos a cada qual o seu valor e integralizamo-os numa sintese social.

Entendendo dêsse modo o Homem e estudando a história de seu desenvolvimento dêsde a recuada época quaternaria, verificaremos que muitas teorias materialistas repousam sobre areia frouxa. O amor, por exemplo, não é só o impulso freudiano dum sexo para outro; porem, em sua energia de potencial, um principio superior de sociabilidade e de civilização, do qual resultou naturalmente a instituição do casamento como base da familia — pedra angular do edificio social. Não ha mais remota antiguidade do que a dos misterios do himeneu. Mo-

difica-lo de acordo com os progressos e necessidades modernos é uma cousa. Aboli-lo um crime contra a estabilidade social. A propriedade não é um roubo, como queria Proudhon. Foi um fáto antes de se tornar um direito, consequencia logica dum estado de sociedade, que, por sua vez, já era consequencia dos imperativos da natureza humana, necessidade inherente, radicada nas sensações de possuir e fruir. Primeiro houve o sentimento de propriedade; depois é que o direito regulou a maneira de adquiri-la e conserva-la. Porque, se assim não fôra se somente a força a conseguisse, somente a força a conservaria.

As instituições sociais e politicas não são obra do acaso. Resultam de necessidades, de fátos encadeados, de experiencias, de intuições e inspirações superiores. Só os politicos mirins acreditam bastar pôr uma lei no papel para ser lei e escrevinhar uma constituição para constituir um povo. O Brasil tem vivido nêsse erro manifesto, tomando figurinos por emprestimo, sujeitando-se a empirismos perniciosos e até vestindo roupas usadas, sem consultar aquilo que

devia consultar: suas forças vivas, sua mentalidade, seu proprio sentido de vida. Contra o prosseguimento dêsse erro nos insurgimos. Contra êle batalhamos a batalha das idéas. Daremos cabo dêle um dia, organizando o país com a força moral nascida da cultura, com a autor-idade da fé nos nossos destinos, com a opinião conquistada pelo proselitismo consciente, com a abnegação e o entusiasmo, com a doutrina dos mais experientes e com a coragem da mocidade. Construiremos um Brasil Novo, edificio que não será mais obra da aventura ou do acaso, de unilateralismos ou individualismos, mas baseado na verdadeira natureza das cousas. firmado nos principios que emanam das tres forças eternas que regem o mundo, com o peso, o numero e a medida de cada um regularmente definidos, com suas faculdades proprias e sua força relativa. Não seremos o legislador que semêa cegamente, sem cultura filosofica e sociologica, principios cuja natureza desconhece e sem ter em conta o povo a que se destinam, legislador comparavel a um lavrador que plantasse cana

de assucar na areia da prai e cardeiros num pantanal.

Dos antigos santuarios helenos saiu uma fábula que os gregos contavam e alguns autores repetem sem meditar no seu sentido oculto. Diz ela que o advinho Tiresias, tendo encontrado duas serpentes enlaçadas no áto do amor, separou-as com o bastão. Foi de então por deante castigado com as peores desgraças. As serpes simbolizam aí os dois aspetos contrarios do mundo, que se repelem e se combatem separados, porem unidos por um ideal ou força superior criam o progresso. Se Tiresias os houvesse, em vez de os afastar, unido em torno de sua vara, integraliza-los-ia no caduceu de Hermes Trismegisto, no caduceu de Mercurio, hoje emblema do comercio, outróra simbolo do equilibrio e da sabedoria.

Esta separação e oposição, creando as doutrinas unilaterais, não foi a infelicidade de Tiresias, mas é o atropelo e é a aflição da humanidade. Creou para um lado o estoicismo de Zenon: causa primaria onisciente, cumprimento do dever como meio de felicidade, — doutrina exal-

tada até ao ascetismo, até a imobilidade. Creou para o outro a seita de Epicuro: indiferença da divindade, gozo dos sentidos, — doutrina que se corrompe até o mais grosseiro materialismo. Modificando-se mais ou menos, através dos seculos, combinando-se raramente num ou noutro ponto em hibridismos insustentaveis, êsses dois sentidos irredutiveis por si sós veem até nossos dias, dividindo os homens, disputando a primazia, expondo a sociedade e a civilização ao constante perigo de teorias e ideologias pregadas por "fanaticos ingenuos" e "fanaticos perversos", portadores de idéas fixas, cujo talento é capaz de persuadir, entusiasmar e fanatizar, usando sobretudo de paradoxos e exageros que se repelem na aparencia e se combinam no fundo ou vice-versa, sentimentalismo a Rousseau, materialismo a Karl Marx.

A humanidade vive em um estado revolucionario constante, ora com o triunfo dum lado, ora com o do outro, ora com o de combinações mais ou menos passageiras entre ambos e continuará no mêsmo estado dentro do Integralismo, porque êsse é tambem revolução no sen-

tido de movimento. Mais fortes do que as revoluções que derramam sangue são as revoluções que derramam idéas. As etapas da marcha do Homem tempo afóra estão assinaladas por pequenas, médias e grandes revoluções. Olhemos somente o largo panorama das primeiras. No inicio, a oposição do matriarcado e do patriarcado, feminismo e masculinismo, deixando seu rasto nos dogmas das velhas religiões e no proprio sexo de certas palavras em linguas dum tronco comum. Depois, a guerra atirando as raças umas contra as outras, do que surgiu a primeira divisão das castas: *diet,* os velhos, como se dizia na primitiva lingua cimeriana, encarregados de alimentar os combatentes, de onde *dieta,* ao mêsmo tempo regime alimentar e assembléa politica nos idiomas de hoje; *leyt,* os mais fortes, os guerreiros, os responsaveis pela defesa de sua gente, de onde a palavra *elite,* cuja significação tão bem conhecemos emfim, conforme o dialeto, *folk* ou *volg,* o povo, de onde *vulgus* e seus derivados. Da guera, a servidão interna com a sujeição dos fracos e a escravidão vinda de fóra com a poupança dos prisio-

neiros, revoluções todas de imensas consequencias, que crearam a questão do trabalho. A propria paz, sucedendo necessariamente á guerra, foi uma revolução, porque, estabelecendo as trocas entre os que se haviam combatido, deu origem ao comercio entre os povos. A nossa lingua conserva a lembrança disso na sua formosa frase: "Trocar avenças de paz".

A desigualdade social instituida nos tempos primevos corresponde, como se vê, a uma hierarquia de valores resultante de irrefragavel necessidade, porque os homens nascem desiguais em todos os seus aspetos, necessidade que será modificada paulatinamente ou atenuada através dos milenios, mas que nenhuma ideologia acabará. Em virtude da guerra, a desigualdade fisica gerou a desigualdade social e politica, que naturalmente, como toda fórma de atividade adquirida, tendeu a perpetuar-se. Do mêsmo modo que a desigualdade, a propriedade brotou de outra necessidade e— diz um mestre no assunto — "a desigualdade de forças dada pela natureza para satisfazê-la, estabelecendo a desigualdade fisica entre os homens, nêles de-

terminou a desigualdade de condições". A hierarquia é, assim, fenomeno social decorrente dum fenomeno natural incontrastavel. E' legitima e deve ser mantida num regime de justiça, de freio aos abusos, de colaboração de classes e não de luta entre elas.

A instituição do culto começa na glorificação dos antepassados e constitúe a grande revolução de que naturalmente nasceram o sacerdocio e a realeza, dentro dos tres principios eternos do Homem, com o *Drud*, o druida, chefe dos anciãos, guia da Dieta, enfeixando nas mãos a autoridade moral e mental; com o *Kanh*, chefe da *Elite*, dos guerreiros, detendo o poder, de onde em varias linguas os titulos reais *Kan* tartaro, *Koning* germanico, *King* anglo-saxonico e ainda o verbo inglês *tó can* e o tupi *cang* — cabeça; com o *Mayer*, de onde *Mayor* na Inglaterra e *Maire* na França, administradores do povo, do *Folk*. A lingua alemã documenta ainda a longinqua instituição do culto dos antepassados: *Teut-ad*, a primeira divindade, o Teutatés de gregos e latinos, significa simplesmente Pai Sublime; *Teu-Esk*, que traduzimos em tedesco,

o Povo de Teut; *Teut-Sohn,* que dizemos teutão, Filho de Teut; afinal, *Deut-schland,* Alemanha, a Terra de Teut. Todas essas explanações nos conduzem muito longe em altura daquêle rasteiro raciocinio sem originalidade de Voltaire: "Troveja? Quem troveja? Decerto, aquela serpente que mora aqui perto. E' preciso apazigua-la. E o culto nasceu". O que vem em linha reta do ateismo de Lucrecio: "Prius in orbis deus fecit timor". Foi o medo quem creou o primeiro deus.

Outras tantas revoluções e contra-revoluções de incalculaveis efeitos originaram chismas politicos e religiosos, divisões raciais, territoriais e idiomaticas, teocracias, absolutismos, ensaios comunistas, superstições e fanatismos com todo o cortejo de seus incalculaveis efeitos. Nenhuma revolução maior do que as produzidas pela instituição de certas leis gerais e propicias, que a inspiração humana sentia inadiaveis. A creação da moeda, por exemplo. A proposito leiamos um trecho de Court de Gebelin: "Casos ha em que temos necessidade de pequeno valor representativo. Onde encontrá-lo numa materia

inalteravel, que possa ser, ao mêsmo tempo, reunida em massa e dividida em parcelas minimas? Uma ovelha, um boi não se dividem sem se destruirem. Um couro, um vaso, uma peça de fazenda, uma vez divididos, não podem voltar a constituir um todo de valor. Só os metais teem essa faculdade e é essa a razão primordial da creação do admiravel simbolo chamado moeda, sem o qual não poderia existir um comercio verdadeiro e a civilização desapareceria". Entretanto, no exagero de seu odio ao capitalismo desenfreado, o marxismo prega a abolição da moeda e o retorno ao regime bárbaro da troca. A experiencia na Russia deu com a teoria por terra.

As revoluções humanas prosseguem sua obra na constituição e fragmentação dos grandes imperios, nas degenerescencias dos cultos primitivos, na materialização das idéas religiosas até que vem a maior de todas as revoluções, o Cristianismo, mudar a face do mundo. O Odin escandinavo, antepassado transformado em deus, dera o primeiro impulso aos bárbaros que se lançaram contra o colosso romano. Apolonio

de Tiana preparara o mundo pagão a receber o milagre de sua propria morte. No seio das trevas dos materialismos se haviam conservado as centêlhas das grandes luzes de Zoroastro e de Pitagoras. E a doutrina de Jesus, detendo o movimento de expansão de Roma conquistadora, impediu se ultimasse a dissolução social européa.

Tombado o Imperio, o culto cristão ergue sobre suas ruinas fumegantes o Feudalismo e a Igreja, duas instituições rigidas, severas e fortes, que salvam do abismo a civilização, tão fortes que permitem o movimento espiritual das cruzadas, cujos contrachoques no Oriente Maomé prepara, erguendo a muralha do Corão. Feudalismo e Igreja completam-se dentro do espirito de sua época, reagindo um contra o outro, abrandando-se, gastando-se mutuamente, alisando as asperezas um do outro, até que, sob a influencia da cavalaria e da literatura se formam as novas nações. Dos sentimentos cavalheirescos nascem os poemas e os trovadores incendêam a imaginação dos artistas que esmaltam de côres as iluminuras dos manuscritos e esculpem no lióz dourado as teogonias, as agio-

grafias e as epopéas de pedra das grandes catedrais góticas. A Escolastica leva os espiritos, pela mão de Aristoteles, ao divino Platão. Então, a Europa cobre-se de universidades e colegios. E o seculo XIII prepara uma era nova.

Dessa revolução formidavel passa a humanidade para outras ainda mais formidaveis: a Reforma de Lutero, a Companhia de Jesus, o Renascimento e os Descobrimentos, que, rasgando os véus de misterio dos mares tenebrosos e das terras ignotas, espalharam o polen da civilização. Da última combinada com a decapitação do primeiro rei, Carlos Stuart, resultou a emigração de Guilherme Penn para a América, onde seu puritanismo racionalista semeou a doutrina da liberdade e da igualdade dos homens, raizes do individualismo racionalista que haveria de triunfar, de torna viagem, na Europa, com a filosofia do seculo XVIII, decapitando o segundo soberano. Flôr da Enciclopedia, essa filosofia é uma mescla heterogenea de sátira e racionalismo, incapaz de edificar alguma cousa duravel; mas seduz pelo brilho superficial os espiritos inclinados ao ceticismo e transforma-

se na pratica em poderoso instrumento de destruição. Seu orgulho desmedido ataca a Providencia com o motejo voltaireano, afirmando que tudo, nas religiões, é impostura e mentira; e ataca as instituições seculares, declarando-as frutos unicamente da usurpação e da tirania. Fontenelle pôs ás mãos diabolicas de Voltaire a picareta para demoliar o altar. Montesquieu entregou a Rousseau o alvião para destruir o trono. Còntudo essa epidemia alastrou a Europa. Toda a gente era filosofa, da ralé ás testas coroadas. Frederico da Prussia glorificava-se com o titulo de rei-filosofo. Catarina da Russia não escondia suas inclinações pelos doutrinarios da época. O proprio Papa, Clemente XIV, o Ganganelli, inclinava-se para êles com simpatia.

Êles desencadêam o movimento com a sua majestosa floração de mediocridades sanguinarias. A guilhotina trabalha diariamente para aniquilar a religião e o despotismo monarquico, regime em que a massa é submetida a um homem sob as leis da fatalidade, para somente conseguir crear novo despotismo, ainda peor, o do individuo submetido á massa, que o tritura

sob os impulsos dos caprichos democraticos ou melhor demagogicos. Passa-se identico fenomeno com o comunismo. Notai bem que êle substitúe o governo burguês, capitalista, pela Ditadura Proletaria, sob o titulo de provisoria... Isso não é sair do despotismo, porque êste, é, em verdade, o poder fundado na vontade arbitraria do que o exerce sem um ideal superior e espiritual, seja êle pessôa, casta ou multidão. Como é proprio de toda democraria liberal ou comunista reclamar constantemente o exercicio de todas as liberdades, mêsmo a de insurgir-se, claro está que seu despotismo é peor do que qualquer outro. E' o despotismo da desordem.

Rousseau, com a grave mentira da soberania popular, que temos de desmascarar, pôs o povo acima das leis, tornando-o indiretamente autor delas pelos seus mandatarios, magistrados a êle submetidos com o afastamento de toda e qualquer autoridade espiritual, pois cada individuo deve ser seu proprio legislador e seu proprio pontifice. Dessa forma, segundo um filosofo, êle dilacerou o Contrato Social que pretendia estabelecer. Sua imaginação parcial e enfer-

ma apontava a vida selvagem como a melhor de todas pela liberdade que nela, conforme seu conceito, amplamente gozava. Aconselhava em consequencia a volta á natureza. Karl Marx inspira-se nêle quando prega a destruição das cidades, antros de vicio e de opressão. No "Emile", o filosofo genebrês assegura que os homens, quanto mais sabem, mais se enganam, sendo, pois, a ignorancia o unico meio de evitar o erro. Mais outro passo para a decantada vida selvagem. Por isso, o Tribunal Revolucionario negou a Lavoisier, condenado á morte, um prazo para terminar uma experiencia, com estas palavras: "A Republica não precisa de sábios!" Por isso, o bolchevismo triunfante declarou guerra de morte á inteligencia. Por isso, instintivamente, certos revolucionarios querem dar cabo dos inteletuais. E' o pavor da nossa critica e da nossa fiscalização.

O veneno de tais paradoxos influiu terrivelmente sobre alguns cerebros anormais. Weishaupt fundou na Alemanha a sociedade secreta dos Iluminados e preparou vasta conspiração, a tempo descoberta por acaso, cujo fim era eli-

minar, ao mêsmo tempo e em toda a parte, todas as autoridades civis, militares e religiosas, estabelecendo abençoada anarquia.

A soberania creada nêsse cerebro ao avêsso é um fantasma ilusório que devemos afugentar com a luz de novas e mais sadias idéas. Êle se manifesta por uma instituição mentirosa e agonizante — o voto, atribuição que para viver se transforma em obrigação, mostrando-nos êste espetaculo inedito: os governos forçando a soberania popular a ir ás urnas com a ameaça de penalidades, tanto a mêsma soberania não crê mais em sua falsificada panacéa. As escolhas são, portanto, o produto de maiorias ocasionais e partidarias, isto é, contrarias ao todo, ignorantes, inconscientes mêsmo e iludidas pelos que delas se aproveitam. Praticada honestamente, tal organização politica enfraquece e anula qualquer governo, porque o poder tem de submeter-se ás limitações e entraves parlamentares, tornando-se incapaz de agir. Para ter ação, vê-se obrigado a abatê-la ou frauda-la. No presidencialismo, insensivelmente um dos poderes se hipertrofia, o Senado nos Estados

Unidos, o Executivo entre nós. No parlamentarismo, a burocracia se hipertrofia como na França. E o orgão hipertrofiado tem o dominio. Unilateral e falso, o Estado leigo resultante da liberal democracia em qualquer de seus avatares é uma excrescencia nos inquietos tempos atuais, em que os problemas exigem soluções rapidas, decisivas, radicais, vendo-se na humidade de todos os olhos ansiosos a espera do milagre salvador.

Como obter ainda qualquer resultado pratico e eficiente dum regime em que os fócos de energia e influencia estão naturalmente disseminados e, dêsde que se fixam nêste ou naquêle organismo, fatalmente modificam a constituição basica dêsse regime?

Concepção côxa do Estado que defronta outra concepção côxa: o socialismo sob qualquer de seus apelidos, fundado na necessidade fisiologica, negando todos os fundamentos morais e superiores do Homem. Segundo a comparação celebre da bengala do camarada Efimof, na liberal-democracia, a ponteira de ferro, correspondente aos operarios, toca o chão; no comu-

nismo, o castão de ouro serve de ponteira e a ponteira de ferro, de castão. Simples inversão de valores humanos, politicos e sociais. Nada alem disso, apesar de todos os esforços.

O Estado comunista atinge seu apogeu, embora obrigado a desvirtuar-se em constantes marchas á ré, na Russia, continente mais asiatico do que europeu, mais submetido á fatalidade das circunstancias do que á livre vontade humana. Ha muitos anos já, Peladan viu na Russia uma doença mental, achando o cerebro moscovita incapaz de medida, proprio á concepção dos extremos e, mêsmo assim, tão abstratamente que, em conjunto, os pensadores russos representavam uma literatura de alienados. Anormalidade inteletual de tal natureza que ali seriam possiveis todos os excessos. A história o demonstra com a horrivel seita que Pedro o Grande combateu a ferro e fogo, mas que subsistiu até nossos dias. Milhares de individuos acolhiam-se aos montes e florestas para se mutilarem como Origenes, somente porque o versiculo 12 do capitulo XIX do Evangelho de S. Mateus diz: "Alguns se fazem eunucos para alcan-

çarem o Reino do Céu". O escritor francês conclue que essa mentalidade não diferencia o proprio do figurado e o literal do alegorico. Apenas saída da escravidão, toca as raias do negativismo. O pai aceitava tudo — tsar e knut. O fiho não admite mais nada. E' nihilista, cousa impossivel a um latino. E' bolchevista e declara guerra a Deus. Enxertem-se nisso as radiculas dum velho comunismo das tribus eslavas, já assinalado na Crónica medieval do bispo de Merseburgo e renascente no *mir* camponês, e teremos a explicação do fenomeno russo.

A existencia dessa mentalidade mórbida e doentia é comprovada por outros autores: Léon Ponsard no "La Russie vis-á-vis de l'Occident", Demolins no "Les causes endémiques du nihilisme russe", Paul de Roussiers no "Les réformateurs russes" e Bochanov no "La réforme sociale en Russie". No segundo volume da eminente obra "Comment la route crée le type social", o sociologo Demolins é categorico: "A sociedade russa sofre dum *surmenage* social que nela determina fenomenos mórbidos em nenhuma outra parte observados. A Russia, com efeito, é,

para a Europa, motivo de espanto, tanto por seu apêgo a muitas instituições antigas quanto pela ousadia de suas reinvindicações. Dum lado, parece em atrazo relativamente ás nações ocidentais. Do outro, como que pretende ultrapassa-las na rota das transformações e revoluções. Pode ser, emfim, citada como exemplo de sociedade estavel e instavel ao mêsmo tempo. Pode-se compara-la a uma agua tranquila e dormente ou a um vulcão em erupção. Concomitantemente, é a Santa Russia e o fóco da anarquia e do nihilismo." Êste quadro admiravel foi traçado alguns anos antes da grande guerra e faz com que não esqueçamos o sôpro do anarquismo e do nihilismo contribuindo para o desenvolvimento ulterior do marxismo.

A propria expressão bolchevismo determina claramente a tendencia aos extremos, propria á mentalidade moscovita. Quer dizer Maximalismo, isto é, a maior amplitude duma doutrina. Como não verificar uma morbidez na gente que, saindo da envolvente sombra dum despotismo asiatico, galga sem a menor transição o pincaro contrario. Verdade é que o povo,

camponio ou operario, somente mudou de senhor, mais diluido, entretanto, e triturado nas moendas do coletivismo do que na prensa da autocracia.

Ainda é curioso examinar que as ousadas reivindicações russas descem das altas classes, do seu idealismo, para as baixas. Ao contrario do que se passa nos outros povos, nobres e ricos são revolucionarios antes dos pobres e plebeus. Êstes, ás vezes, fazem o papel de conservadores. Sem o inteletual da roda elevada, o fidalgo letrado e sonhador, o proprietario imbuido de liberalismo, o oficial cavalheiresco e o professor filosofo, que pregaram e agiram, o mujique não faria a revolução, a que só ajudou com o engodo da posse das terras. Por isso, é até hoje o mais constante e serio inimigo do bolchevismo. Os revolucionarios — afirma o conde de Rostopchine num livro celebre sobre seu país — fôram sempre grandes aristocratas como Tolstoi, ricos proprietarios de latifundios como Miliutine, Harzen e Turguenief, membros da casta militar como Bakunine, professores oficiaes como Lavrov e principes de sangue como Kropo-

tkine. Raros os inteletuais vindos de baixo como Gorki. Em toda a parte, as aspirações populares se elevam até ás classes superiores, determinando as revoluções. Na Russia, o avêsso: a classe alta provoca as aspirações do povo e desencadêa a revolução, cuja essencia e cujo sentido êle, povo, desconhece.

Demolins atribue essa enfermidade ao esforço a que Pedro o Grande obrigou a sociedade moscovita, asiatica, oriental, semi-bizantinizada, ainda não definitivamente constituida, para ocidentalizar-se antes de tempo. "O corpo social como o corpo humano — escreve — vinga-se pelo estado mórbido, quando se violam as leis da higiene." Com efeito, o Estado é, concomitantemente, uma entidade fisica e moral. Já se foi o tempo de considera-lo abstratamente, como simples creação subjetiva. Nós hoje objetivamos o seu conceito. Entidade fisica, depende da existencia fisica de seus componentes. Entidade moral, depende da espiritualidade e moralidade de seus membros. Faltando-lhe essa dupla saúde, embora dure qualquer periodo mais ou menos longo, mantido pela astucia ou susten-

tado pela força, é um Estado destinado a perecer. Do mêsmo modo que o higienista cuida da saúde de cada orgão do corpo para que êste seja são, o Estado integralista tem de cuidar de todas as celulas do seu organismo, de modo a conservá-lo são de corpo e de espirito.

No panorama historico rapidamente pincelado aqui, se vê a humanidade, dêsde seus primeiros passos, debatendo-se em duas correntes, uma ligada ao determinismo ou fatalidade, outra á liberdade ou livre-arbitrio, ambas inconciliaveis se não por uma terceira corrente, a da manifestação dum destino superior, providencial no Homem: espirito, intuição, inspiração, inteligencia, moral, cultura. Essa terceira força é a unica capaz de integralizar numa corrente só os destinos do genero humano. Em nome dela falamos para nossa Pátria, afim de orientá-la e conduzi-la dentro do novo ritmo do mundo, sem esquecer, todavia, sua caraterização e feitio particulares.

Em tres anos de pregação do Credo do Amor e da Bondade, dos trinta aos trinta e tres, Jesus mudou a face do mundo. Quando o cruci-

ficaram como vil escravo entre dois ladrões, fôsse alguem coxixar ao ouvido de Cesar que aquêle justo, reinando somente sobre as consciencias, seria um dia dono inconteste de todo o Imperio, e o tomariam pelo maior dos loucos. Tal é a força da idéa. Com ela contamos para sermos em breve algumas dezenas ou centenas de milhares e colocarmos nosso país dentro do triangulo salvador a que alude Mussolini: — Ordem — Hierarquia — Disciplina.

No momento atual, todos procuram um rumo e o Brasil, menos experiente, o procura mais tonto do que todos. O Integralismo é êsse rumo, porque condena as imposturas da liberal democracia agonizante, sobretudo a mentira do voto, porque condena o materialismo grosseiro e instintivo do comunismo, riscando um caminho novo e claro na paisagem milenar que o Homem vem percorrendo dêsde a gruta, a tenda e a cabana até o palacio, á catedral e o arranha-céu, dêsde a aldeia e a cidade até o Estado e o Imperio.

Chegamos a um ponto em que a derrota a escolher nos dará prosperidade ou infortunio.

Não ha meio termo nem contemporizações. Temos de escolher. Não é possivel mais atitudes indiferentes, pois não haverá desculpas para os erros, que serão irremediaveis. Estamos instruidos pela experiencia social e devemos conhecer a essencia das cousas. Na situação a que atingimos, não podemos consentir que o nosso país se incline para a Direita ou para a Esquerda, porque ambas são situações de desequilibrio, porem devemos força-lo a seguir para a Frente. Um filosofo francês escreveu estas palavras cheias de verdade: "Só são inocentes os que se opõem ao crime. Os que o suportam partilham-no." Sendo a Ação Integralista Brasileira a reação contra o erro politico e o crime, social por um movimento cultural, de renovação, de patriotismo, de mocidade, de abnegação e de esperança, destinado a impedir que se subvertam os destinos do Brasil na anarquia, no materialismo comunista ou no racionalismo empirico, integrando-o numa forma estavel de colaboração de classes sob o imperio dum governo forte, a indiferença perante ela é criminosa.

De mim sei que não resisti á fascinação da

inteligencia e da mocidade. Embora no fim duma carreira literaria, empalhado em posições classicas e no limite da idade em que se passa para a reserva, senti-me capaz de renovação e de ação, apelei para a mocidade do meu espirito e vim oferecer para a grande batalha o pouco de inteligencia que Deus me deu. Porque — não vos iludais — os tempos são chegados da Morte ou da Vida! E a Revolução Brasileira, a Grande, a de Verdade, a que ainda está por fazer, a dos espiritos, sempre maior que a das cousas, essa principia com as nossas idéas! (1)

---

(1) Conferencia realizada na União dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro e na Escola Normal de Niteroi.

O INTEGRALISMO NO SENTIDO BRASILEIRO

Num livro recente, cheio de simpatia por nós o escritor francês Luc Durtrain escreveu estas palavras: "Só ha cinco paises verdadeiramente cósmicos, não somente pelas dimensões como pela magnitude e quantidade de seus problemas: Russia, India, China, Estados Unidos e Brasil." E' uma verdade que não precisa de demonstração. Todos nós brasileiros sabemos que o nosso territorio quasi vazio é mais um continente ainda do que uma nação, desafiando seus filhos com a multiplicidade e a complexidade de seus problemas fisicos e sociais. E, para conhecê-lo bem, precisamos estudá-lo com probidade na sua estrutura e na sua experiencia através já de quatro seculos.

Descoberto pelos portuguêses, apesar de sua vastidão e selvatiqueza, o esforço titanico de sucessivas gerações o foi plasmando lentamente com a mêsma lingua e o mêsmo sentimento religioso, primitivos e principais alicerces

dum espirito verdadeiramente brasileiro, então ainda em feitio de larva. O bandeirante dos ciclos paulista, baiano e pernambucano, na sêde do ouro e na fome das aventuras, traçou a golpes de heroismo sua fórma fisica originaria, buscando invios sertões pelos caminhos dos indios e pelo curso dos rios, descendo para o Prata e subindo para o Amazonas, a recuar dia a dia o meridiano de Tordesilhas. O jesuita aldeou o aborigene, ensinou os primeiros rudimentos da civilização e amansou os instintos selvagens, moldando-o espiritualmente. Aquêles levaram a todos os pontos que alcançou sua expansão o idioma e a semente do sangue europeu, muitas vezes nobre. Êstes plantaram por toda a parte o cristianismo. Depois, o senhor de engenho, o fazendeiro e o criador de gado, nos limites já conquistados pela cruz e pela espada, firmando-se na escravidão das raças vencidas da America e da Africa, preservaram de invasores estrangeiros e de outros perigos de dissociação a obra realizada, conservando no tempo e no espaço o formidavel patrimonio territorial adquirido.

Examinando pormenorizadamente êsse vasto quadro, veremos na milagrosa manutenção de nossa unidade nacional, em todos os tempos, fermentarem elementos desagregadores, felizmente sempre vencidos. A posse de largos tratos de terra durante longos anos por francêses e holandêses não conseguiu dividir-nos como era de supor, em consequencia da disseminação dos escassos povoadores e do fraco contingente imigratorio que nos podia dar a metropole, mau grado todos os seus esforços. Sob o signo feliz da epopéa nordestina contra o flamengo, as tres raças básicas da futura nacionalidade unem-se para sempre, logo no segundo seculo da vida brasileira, pelo sangue que, juntos, derramaram os negros de Henrique Dias, os indios de Camarão e os brancos e mestiços de Vieira e de André Vidal de Negreiros. Presas á terra pela mestiçagem, a ausencia de preconceitos de côr dilúe as reinvindicações que lhes podiam ser proprias. Divisões administrativas da colonia, lutas separatistas do periodo monarquico, a malfadada federação republicana, nascida de localismos e ambições regionais como do conceito po-

sitivista das pequenas pátrias, afluxos de sangues alienigenas pelas correntes de povoamento mais recentes, tudo isso não conseguiu, embora com o constante exemplo da fragmentação espano-americana em volta de nós, que perdessemos as carateristicas essenciais resultantes de nossa fórma original moldada pelo conquistador e pelo padre.

Maior factor de desagregação a vencer será, sem duvida, a tragedia espiritual da nossa *elite*. Somos como que uns exilados da Europa nêste imenso chão, em que a natureza espantosa e formidavel serenamente nos esmaga. Um cordão umbelical quasi indestrutivel prende-nos ao outro continente, em cujas fontes eternas nos habituamos a beber a sabedoria e a provar a beleza. O fundo das hereditariedades acumuladas puxa-nos para lá, mas choca-se com o sentimento brasileiro brotado das tradições herdadas dos nossos maiores que aqui pelejaram e aqui morreram. E, nessa luta intima, vence o amor do Brasil, onde nos esforçamos por plantar o trigo de alem-mar, que desejamos, porem,

cresça, apendôe e se multiplique com o sabor da nossa gleba e a quentura do nosso sol.

No momento atual, em que a uma profunda anarquia das cousas públicas corresponde uma profunda anarquia dos espiritos, mais se acentuam os perigos dessa desagregação. Urge combatê-los de todos os modos, porque, infelizmente, os que nos precederam, abandonando qualquer criterio cientifico, despresando todas as experiencias de nossa vida, desdenhando os melhores ensinamentos da sociologia, não praticaram a politica, porem a imoralidade que, para êles, era sinónimo de politica. Exerceram a força sem direito e o poder sem autoridade moral ou inteletual. Em lugar de uma hierarquia de homens e funções pela virtude e pelo saber, crearam, na pratica dum regime liberal-democratico, copiado dos Estados Unidos, o reinado da intriga, da traição, das conveniencias pessoais, dos arranjos de familia, dos conchavos, dos cambalachos, dos despistamentos, das aventuras e dos empirismos. Dêsde o imperio, nossa politica se não inspirava em verdades cientificas eternas; mas na famosa habilidade, que é simples e

unicamente "o empirismo da impotencia". Foi o dominio continuado e inconteste do instintivismo e do oportunismo, sem base, sem programa, sem finalidade, lançando mão dia a dia, para ganhar tempo com resoluções provisórias, de expedientes politicos, de expedientes juridicos, de expedientes financeiros, de expedientes economicos e até de expedientes militares. O culto da incompetencia e o horror das responsabilidades, cancros que Faguet apontara nas liberais democracias de corôa ou barrete frigio, atingiram o apogeu. A incompetencia cultivada produziu as mais lindas flôres na magistratura, na governação e até nas academias. Vós todos conheceis de nome os ornamentos dêsse maravilhoso jardim. Chegou-se a fazer pela imprensa a apologia dos não-preparados, imitando Rousseau que julgava paradoxalmente o ignorante o único incapaz de errar, porque quanto mais se sabe mais se erra. O horror das responsabilidades foi tal que um presidente da republica inventou a enxaqueca permanente para fugir a elas e, quando desceu do Catete, deixou todos os diretores das repartições nomeados interinamente...

A longa sucessão dos fátos, convenientemente estudada, mostra-nos a fraqueza do poder público, debatendo-se no lodaçal das crises politicas, das experiencias e das improvizações. O primeiro imperador, para poder governar, destrói a primeira constituinte. A gangrena politica daquêle fóco de infecção passa para o soberano, o corrói e mata no sete de abril. Vê-se obrigado a vestir no país um figurino constitucional de emprestimo e capitula na guerra estrangeira, não deante do exercito argentino impotente nem da batida armada de Brown, mas ante a força da impopularidade nascida da falta de patriotismo esclarecido e das torpes explorações do exibicionismo oposicionista. A regencia quasi se afoga no corrilho das ambições intimas e na esteril sangueira das lutas intestinas. Felizmente, a mão de ferro de Feijó segura o Brasil á beira do precipicio e o genio diplomatico-politico de Caxias obra maiores prodigios de pacificação do que sua espada invencivel. O poder do segundo imperante, exagerado pelos gritadores de todos os tempos, é tão fraco que não passa de moderador, como o denomina a

ção. Durante meio seculo, dessangra-se equilibrando facções no jogo de empurra de dois partidos ficticios. Anémico, com suas duas colunas de sustentamento — o exercito e a escravidão —abaladas, sossobra a uma simples passeata de meia duzia de batalhões, como um barquinho de papel, silenciosamente.

Os tais partidos, que se degladiavam dêsde a independencia e viviam dos fogos de vista de seus oradores romanticos e em geral vazios, traziam em si tão parcas e tão fracas idéas que desapareceram em vinte e quatro horas na voragem, sem deixar o menor vestigio á tona da agua. Fôram logo substituidos por meras coligações de pessôas ou de Estados, representando somente interesses de individuos, de grupos ou de regiões, quando não a panela dum grande cabo de eleições, como o P R F de Glicerio ou P R C de Pinheiro Machado. A ideologia positivoide que ajudara a chocar o ovo republicano pereceu na primeira década da nova era, deixando um templo ainda por acabar e alguns abencerragens que até hoje clamam as excelencias de sua unilateralidade materialista, pretenciosa

e casmurra, abencerragens que nos esgotam a paciencia com os seus artigos de legua e meia datados de Carlos Magno ou de Bichat, ou nos desopilam o figado com os seus decretos sobre mendigos.

Em seguida, um individualismo despido de qualquer ideal, visando tão só a negociata ou a satisfação de meras ambições pessoais, creou oligarquias tentaculares e vorazes, resultantes fatais da descentralização governamental do país. O poder presidencial capitulou covardemente deante delas e, para viver, teve de apoiar-se na conhecida politica dos governadores. Apelativos emanados de personalidades oficiais enxamearam como praga de gafanhotos Brasil afóra, significando que a politica e a administração não provinham nem dependiam de idéas, porem do alvedrio de caciques. Só se ouvia falar em lemistas, aciolistas, rosistas, severinistas, maltistas, castilhistas, borgistas, pinheiristas, rabelistas, ruistas, hermistas... Ao invés de principios, homens e nada mais. O reflexo da politicalha alastrou o mapa da nação. Os nomes sonoros e significativos do colonizador e do in-

dio, a expressiva toponomia das cidades e das vilas dada pelo bandeirante, pelo missionario ou pelo indigena, tudo desapareceu numa corografia bajulatoria sem exemplo em parte alguma do mundo, substituido pelos apelidos sem valor de presidentes, senadores e deputados. O vicio enraizou-se tanto que o berço da revolução de 1930, apesar de formal condenação do regime passado, o praticou como se fizera obra gloriosa...

Ao executivo, hipertrofiado á custa do legislativo e do judiciario, seus verdadeiros lacaios, sobrou em arbitrio e violencia o que sempre lhe faltou em autoridade e poder. Os Estados desmandaram-se sem o menor impecilio ou fiscalização, vendendo sua dignidade e seu patrimonio ao ouro do estrangeiro, armando-se com brigadas, provisorios, metralhadoras, artilharia e até aviões contra o governo central. A' conspiração dêste contra os mais fracos, onde intervinha aberta ou hipocritamente, fomentando revoltas de chefetes do interior, assoprando rebeldias de jagunços, comprando cangaceiros-doutores com dinheiro, cadeiras na Camara ou

bordados de general honorario, manobrando inspetores de regiões militares e ás guarnições federais, os mais fortes responderam com a conspiração das alianças, dos conchavos, dos agrupamentos e das coligações, cuja última foi a vitoriosa em 1930.

Arredados da arena politica, onde tão somente medravam e prosperavam os jornalistas de extorsão, estrangeiros ou aparceirados com estrangeiros, os politiqueiros sem alma, capazes de tudo, geralmente chamados *nomes nacionais*, diretores de conhecidas companhias ligadas ao argentarismo internacional, os advogados administrativos, quadrilhas de ratos cinzentos e de muitas outras côres, e os palradores sem nexo que exploravam o oposicionismo para um dia se calarem digerindo uma sinecura, os homens de espirito e de cultura, os verdadeiros publicistas e os verdadeiros pensadores, a gloria da nação, êsses nunca puderam formar na primeira linha. Desiludidos, recolhiam-se á insignificancia de pequenos empregos ou eram obrigados a se tornarem aulicos dos poderosos. A revolução de 1930 encontrou o apoio de todos os espiritos,

porque anunciou a destruição da caterva que enumerei, mas infelizmente não cumpriu sua promessa.

Camões tinha razão em dizer que um fraco rei faz fraca a forte gente. Foi êsse poder fraco, obrigado a tortuosidades para viver, tortuosidades que, ás vezes, nos fazem pensar ser de consumado maquiavelismo, quando, em verdade, braceja e esperneâ, que trouxe o Brasil á situação de incerteza e pavor dos nossos dias, agravada pela crise mundial, fruto, em grande parte, de causas e processos análogos.

Estadista é aquêle que determina os acontecimentos ou os prevê, dirigindo cientificamente o curso da vida social e das aspirações individuais, aquêle que, como quer o proprio Comte, sabe para prever, afim de prover. Nossos legisladores e governantes não teem passado de meros joguetes dêsses acontecimentos e dessas aspirações, desenfreadas em virtude de sua fraqueza congénita, que os fez sempre violar o direito dos mais fracos e capitular deante dos mais fortes.

Devido a todos êsses factores de desagre-

gação moral, politica e social, temos de alicerçar a doutrina integralista em terreno muito sólido, estaqueando-a profundamente na rocha viva e não lançando suas bases nas camadas de aluvião ou de lama que as cobrem, dêsde tanto tempo acumuladas!

Para impedir que nossa pátria pereça desmembrada, fragmentada ou anarquizada, não queremos concertar o pardieiro liberal-democratico transformado em cortiço ou albergue noturno de novos politicoides, nem destruir o que ela possúe de verdadeiramente sagrado pelas suas tradições e experiencia politico-social, todo o patrimonio moral e espiritual legado por nossos ascendentes, afim de plantarmos em seu lugar exotismos antinomicos com o nosso genio, o nosso espirito e os nossos anélos, sim crear um Brasil grande e feliz, digno e altivo, forte e sadio, estadeado na tradição da familia brasileira, na estratificação do sentimento religioso, no amor á coesão do patrimonio territorial herdado dos nossos maiores e na unidade milagrosa de sua lingua e de seu pensamento, sem fronteiras regionais, onde mineiros e paulistas, gaú-

chos e nordestinos, antes de tudo, sejam brasileiros.

Pregamos, portanto, um verdadeiro Evangelho. Somos, portanto, os missionarios dum alto pensamento social, nascido num berço cientifico ao calor duma doutrina filosofica. Não visamos a oposição de personagens nossos a outros personagens. Tratamos, sem personalizar ninguem, de grandes problemas inteletuais e de elevados valores morais do mundo, aplicados ao caso particular do Brasil. Visamos um vasto e forte movimento de cultura, de esperança, de fé, de patriotismo e de abnegação pessoal, para dar ao nosso país uma arquitetura sólida, afim de salvá-lo do descalabro iminente. Quem não tiver a coragem de nos seguir deixe-se ficar para trás. Expomos aos brasileiros de bôa vontade, aos ainda não endurecidos no mal, na ignorancia ou na unilateralidade de certos principios, o nosso modo de compreender o universo, de compreender a sociedade, de compreender o homem, tanto no que êle tem de contingente e perecivel como no que tem de ilimitado e eterno,

e, em função dessa filosofia, o nosso modo de compreender e realizar o Brasil.

A nós proprios, simples pregadores de idéas sem mirar cartorios ou comissões na Europa, que nos importa demore ou venha logo a vitória do nosso credo, se a acreditamos certa, matematica? Nós somos unicamente ondas dum mar que cresce, vagas da imensa profundez duma idéa? Que nos importa que, para viver, como diz Maserel, ela dolorosamente borboletêe de espirito em espirito, se sabemos que vencerá?! Cumprimos um dever moral, mais do que patriotico, porque humano, pregando-a, dever moral que nasce, como todos os deveres morais, duma certeza inteletual. Santo Tomás de Aquino definiu a fé como sendo a coragem do espirito que se atira para a frente certo de achar a verdade. Como o nosso espirito está seguro de haver encontrado essa verdade, nós temos a coragem da fé.

Já conhecemos de antemão e de longa data os inimigos que nos vão surgir pelo caminho. Absolutamente não nos surpreendem. São os inertes, os comodistas, os egoistas, os indiferen-

tes, os que não crêem nem no bem nem no mal; os analistas de todos os feitios e de todos os jaezes, incapazes da menor sintese, zarolhos que somente enxergam o caminho da Direita ou o da Esquerda, não podendo, pois, andar para a Frente; os fanaticos que laceram de lado ou de lado cornêam como o caitetú ou o touro, quando não atacam pelas costas como o tigre; os dominados pelos instintos inferiores, que acham todos os meios bons para defender suas conquistas materiais e fazem do ataque uma defesa; os conspiradores de cima, que gozam posições e riquezas, e os conspiradores de baixo, que rangem os dentes de miseria e de despeito, afundados no paúl da ignorancia das verdadeiras causas de seu proprio destino; os que espalham deante de qualquer idéa, sem examiná-la sinceramente, o descredito da impossibilidade, julgando-a irrealizavel, para matá-la; e os destruidores sistematicos que só julgam possivel edificar sobre ruinas, quando sua incapacidade radical para edificar sem destruir é que é o mais perigoso de todos os erros. Êsse jardim zoologico não nos amedronta.

Para realizar o Integralismo no Brasil, devemos combater em primeiro lugar, veementemente, a liberal-democracia com suas mentiras lantejoulantes, apoiada na famosa cultura juridica do bacharelismo desmoralizado. Do mesmo modo que o socialismo em qualquer de suas fórmas já manifestadas, maximas ou minimas, ela se apoia naquilo que um pensador eminente denominou com a maior propriedade "a incuravel mediocridade politica das massas". Presidida pelo ateismo governamental dum Estado abstrato e alheio ás lutas economicas da sociedade que pensa dirigir, enche-se de vento ao repetir a fórmula arqueologica e sem vida dos Direitos do Homem. Estabelece como relação entre a famigerada Soberania Popular e seus mandatarios, dos quais não exige a menor prova de capacidade moral ou mental, a impostura do voto direto ou indireto, universal ou restrito, secreto ou descoberto, com turnos ou coeficientes, mistificando os que trabalham e não teem pão. E empavona-se com o batidissimo latreiro francês: Liberdade — Igualdade — Fraternidade, esforçando-se herculeamente para provar que

tais palavras representam principios sociais, quando não passam de meros estados sociais, de simples maneiras de ser do homem segundo a filosofia racionalista. Principios são sinteses e se articulam em correspondencia com os movimentos universais.

Regime anti-cientifico e anti-social, vive de mentiras e concessões á Direita ou á Esquerda, em eterno equilibrio instavel, mascarando com fórmulas aprioristicas as tragedias da violencia e do arbitrio. Estremece e empalidece deante dos impositivos da questão social, porque não póde resolvê-la e não póde resolvê-la, porque ela se não resolve com a astucia e a força, unicos meios de que o seu empirismo dispõe. Por isso mantem os povos em continuo sobresalto, em continuo mal estar, em continuo sofrimento e em continua exasperação neurastenica, favorecendo a marcha traiçoeira do comunismo. Sua politica é a das paixões, dos instintos e dos expedientes, servindo á rapacidade e á rapina, — sistematização da imoralidade sob a capa da hipocrisia.

No seu conceito teorico fundamental, o Es-

tado, mero espectador de crises e miserias, alheio ao que não seja orçamento e policia, apoia-se no interior no exercito permanente, pai do imposto permanente, e, no exterior, na diplomacia, na qual, segundo espirituoso escritor, tudo mente, inclusivé a gramatica, e cuja mentira serve ao exemplo imoral da força. Teme todas as superioridades nos postos de legislação e governação, sendo o paraiso das mediocridades e dos gagás aproveitados para as missões externas, mêsmo as de importancia transcendental.

Uma feita, o califa Harum-al-Raschid, gloria da civilização mussulmana, passeando á noite, incógnito, pelas ruas escuras de Bagdad, ouviu uma velha que se queixava de suas atribulações em altas vozes, injuriando-o. Aproximou-se e perguntou-lhe: — Por que te lamentas desta fórma? — Porque tenho forme com os meus netinhos orfãos! — E não refletes que o califa ignora a tua miseria? — Se êle a ignora, replicou a anciã, para que é califa?

O apólogo das *Mil e uma noites* encerra uma verdade substancial. O governo é o verdadeiro culpado das miserias e atribulações dos

que dependem dêle. Quando virdes na noite fria uma mulher faminta, rodeada de filhos pequeninos, estendendo a mão á caridade pública, o verdadeiro culpado dessa desgraça é aquêle que não resolve o problema social, que não sabe para prever, afim de prover, o governo, emfim. O governo liberal democratico arredado das preocupações dessa natureza pela essencia de seu proprio regime é um governo criminoso na sua impotencia para um lado, na sua violencia para o outro.

Êle gera a anarquia demogógica, tão ridiculamente impotente deante da miseria social quanto a anarquia coroada ou a anarquia comunista. Todas se equivalem. Aferram-se todas estupidamente a fórmulas mumificadas ou a ideologias ôcas, sem que encontrem meios e modos de acabar com sua inépcia ou de salvar-se do naufragio, como aquêle português da anedota, que estava convencido de não morrer afogado porque trazia no bolso uma apolice de seguro de vida. O voto é a sua panacéa, especie de Saúde da Mulher ou Maravilha Curativa. Aplica-o á força, obrigando o cidadão a exercer um di-

reito transformado em obrigação por artes de berliques e berloques. Esquece a velha, memoravel lição do Exodo, cap. XXIII, vers. 2: "Non sequeris turbam ad faciendum malum; nec in judicio, plurimorum acquiesces sententiae, ut a vero devies." Isto é: "Não seguirás a multidão, porque agirás mal, nem num pleito de justiça farás inclinar a balança ao peso do numero." A liberal-democracia prefere a essa verdade eterna, que Moisés fez somente repetir, qualquer jurista pedante, de meia tijela, que copie para o Brasil a lei eleitoral do Uruguai, país tão parecido com o Brasil como um ovo com um espeto...

O Estado liberal-democratico pensa ser uma resultante e não passa duma excressencia, dum apendice social. Não é uma sintese da coletividade destinada a dirigi-la em comunhão intima com ela, como a cabeça dirige o corpo humano. Daí o divorcio permanente entre êle e o povo. Os dois se sentem antagonicos, instintivamente. O que explora detesta o receio que o outro lhe causa. O explorado odeia o seu explo-

rador. Não ha dois inimigos mais irreconciliaveis.

Em 1929, ia eu de automovel, de Fortaleza, capital do Ceará, para Guaramiranga, na serra de Baturité, por uma estrada de rodagem havia poucos anos aberta pela Inspetoria de Sêcas. Em alguns trechos da montanha, o caminho tornou-se tão horrivel que só pôde ser vencido graças aos esforços e á habilidade do motorista, homem calmo e taciturno, que a cada novo impecilio se limitava a murmurar: — O governo andou por aqui!

Indaguei do que queria dizer com êsse estribilho e retrucou-me: — Doutor, o senhor já viu cousa em que o governo se meta que não peore?... O inverno arruina a estrada, mas o sol vem, séca a lama e ela fica de novo mais ou menos bôa. O governo, porem, quer dar de comer aos cavadores e manda concertá-la. Êles chegam, visando unicamente ganhar muito e trabalhar pouco, enchem as arrieiras de barro fresco, tapam os buracos com terra solta e entopem os regos com tabatinga sem secar. A chuva cái e é lama que nunca mais se acaba. Tor-

na-se tudo peor do que estava e o dinheiro do povo vôa... Era melhor deixar a estrada á lei da natureza. Sabe o que mais, doutor, o governo, na minha opinião, é o *peorador de tudo*...

Eis o que todos os povos pensam de todos os governos liberais-democraticos, mêsmo quando o não dizem. E o peor ainda é que a última instancia a que tais governos recorrem para dirimir suas questões internacionais é o sinistro e criminoso apêlo á morte, á carnagem, á guerra!

De outro lado nos ameaça, seduzindo aos desesperados e aos ignorantes, servindo aos inteletuais secundarios e ambiciosos, aos despeitados e invejosos, aos exploradores de espetaculosidade que professam o cabotinismo até nas cátedras das escolas superiores, o socialismo, cujo materialismo social e governamental nivela todas as elevações humanas na mediocridade comum e nela afoga toda dignidade pessoal, tudo o que o homem tem de elevado e nobre, do mêsmo modo que a liberal-democracia tudo enfraquece e dissolve no individualismo. Êste produz a guerra civil dos partidos. Aquêle produz

a guerra civil das classes. Sem elas, a vida não lhes é possivel.

Nós, Integralistas, encaramos por outro prisma a vida social dentro dos seus tres grandes fátos indiscutiveis e concretos, emanados de tres principios eternos: Religião — Politica — Economia. Tomados cada um de per si, êles produzem no dominio das leis humanas as fórmas de governo: a Teocracia, correspondente ao primeiro; a Republica e a Monarquia, ao segundo; a Emporocracia e o Socialismo, ao terceiro. Não se deve esquecer que não é o nome que carateriza cada uma dessas tres fórmas, porem sua essencia. Ha monarquias republicanas e republicas monarquicas. A Republica é sempre mais racionalista, presa aos chamados ditames da razão humana. A Monarquia é sempre mais unida ao determinismo histórico por sua força conservadora. A Emporocracia é quasi sempre obra duma oligarquia. As republicas de Tiro, de Cartago e de Veneza fôram emporocracias, como é emporocracia o Imperio Britanico. O socialismo resulta duma aspiração materialista de classe que alastra a sociedade e a domina.

A fraqueza ou a força da essencia ou principio que determina essas fórmas gerais de governo se revela, não na quantidade de seus armamentos navais, terrestres e aereos, não na projeção de suas riquezas, mas no tempo que duram e nos efeitos morais e inteletuais que produzem. A maior longevidade cabe ás teocracias com os primitivos imperios da India e do Nilo, florescendo em milenios, através de dezenas de dinastias, com o soberbo edificio da Igreja que tem desafiado os seculos, sem exercito e sem marinha. Veem, depois, as monarquias; em seguida as republicas e as emporocracias oligarquicas. Falta-nos a experiencia do tempo para julgar da duração das construções politicas do socialismo. Como sabemos pela historia que o principio moral é muito mais poderoso do que qualquer outro e o dêle seja de ordem absolutamente material, tudo faz supôr que será o regime de menor duração. A existencia das organizações politico-sociais depende, assim, da maior ou menor espiritualidade do principio vital nelas contido, tanto que se elas são somente frutos da energia individual dum fundador que

soube aproveitar um movimento nacional de certa amplitude, como os imperios de Alexandre, Carlos Magno, Gengiz-Kan, Timur-Leng, Akbar ou Napoleão, a obra, sem força e sem ciência, argamassada geralmente com sangue, incapaz de resistir aos "imprevistos do futuro" e á "imbecilidade dos sucessores", sossobra mal a morte leva o que a elevou. Porque — não vos iludais — a verdadeira civilização só póde ser de ordem espiritual.

Nos grandes movimentos da humanidade, são as doutrinas espirituais o que importa, porque são elas, exclusivamente elas que decidem da vitória ou da derrota. As metralhadoras matam homens, mas não podem matar idéas. Os homens passam; as doutrinas morais e filosoficas permanecem de pé, tanto mais tempo quanto seja mais profundo e mais puro seu fundamento espiritual, superior, divino.

Integralistas, não podemos ser sectarios. Temos que lançar ao mundo um olhar que o abranja em todos os seus aspétos. Se o universo se rege hierarquicamente dentro de leis perfeitas e fatais, por que só o homem ha de ter o

estranho privilegio de escapar á divina razão dêsses movimentos? Porque o orgulho de sua razão finita e perecivel constantemente o mantem no que a ciência denomina "equilibrio instavel". Integralize-se, pois, no ritmo universal, organizando sua vida de acordo com os ensinamentos da eterna sabedoria, para ser relativamente feliz. Basta-lhe abandonar o erro das doutrinas unilaterais e compreender a grandeza duma doutrina integral, que, estamos certos, ha de se impor á ignorancia humana e á displicencia humana pela força incontrastavel da necessidade. O simbolo que trazemos no braço esquerdo, o *sigma* do alfabeto grego, é o sinal matematico do calculo integral proposto por Leibniz, por ser o *s* a primeira letra de soma. Queremos, pois, somando os grandes principios universais, de que decorrem as leis que geram os fátos em qualquer dos aspétos do cósmos, estabelecer uma sintese social, com bases morais e espirituais definidas, com meios cientificos e racionais certos, da qual resulte uma obra politica tão perfeita quanto ao homem é permitido fazer e não um monstro social como são o Es-

tado burguês e o Estado proletario, um eivado de ignorancia, de empirismo, de nepotismo e de politiqueira pôdre, o outro negando a superioridade do espirito, a sua primazia, em favor do Moloc determinista do materialismo.

Não queremos para o nosso querido país o Estado-civil da liberal-democracia, nem o Estado-economico do marxismo; mas o Estado-social-integral: economico e civil guiado pelo espirito. Na ciência, posta em primeiro lugar, consideramos a sintese do espirito cultural da nação, todos os seus aspétos religiosos, morais e inteletuais, manifestando-se pelo ensino e pelo exame de modo a evitar o erro pecaminoso do Estado burguês, que exige provas dum chofér para guiar um taxi e não as exige dos que pretendem guiar um povo, que não cuida, não cuidou e não cuidará do valor profissional de seus mandatarios nem de suas condições de autoridade: sabedoria e moral. Na justiça, consideramos a sintese dos interesses juridico-sociais do povo brasileiro, de acordo com suas tradições e sua indole, manifestando-se no fortalecimento da familia, na disseminação da pro-

priedade, na etica administrativa e na organização corporativa. Na Economia, consideramos a sintese dos interesses economicos, manifestando-se nas finanças, na cooperação das classes e na defesa da produção, de acordo com as leis cientificas e não com os artificialismos prejudiciais. Não entendemos os colaboradores duma mêsma atividade agrupados em sindicatos hostís, porem num mêsmo sindicato, cada qual no seu posto hierarquico e com suas vantagens proprias, como outróra Gerson, um dos presumidos autores da "Imitação de Cristo", definia o edificio da Igreja: "Papas, cardeais, bispos, padres, clerigos, reis e povos, todos são membros da Igreja Universal, embora em graus diferentes." Organize-se, por exemplo, desta sorte a classe dos que vivem do café: colonos, fazendeiros, transportadores, corretores, embarcadores e exportadores ou torradores — e vereis desaparecerem os parasitas dos famosos institutos, que nada teem com o café e nada entendem do café. E o poder que ha de reger um estado integral no Brasil terá o prestigio da autoridade, que tanto lhe tem faltado e que será qualidade

intrinseca sua, porque emanará da verdade e se integrará no organismo social por defender e legitimamente representar interesses mais gerais, interesses totalitarios. O Estado capitalista, embora faça concessões de toda a natureza premido pelos imperativos das circunstancias, defende unicamente o capital. O Estado sovietico, nas mêsmas condições, unicamente defende o trabalho. O Estado integral defenderá a harmonia e a cooperação do capital e do trabalho dentro duma ordem espiritual. A grandeza e a realidade de seu poder atingirão uma profundidade que os outros jamais alcançarão. Porque êle, como seu proprio nome indica, é a integral duma nova organização, o resultado de todos os valores, a soma de todas as atividades e, consequentemente, ao invés do *peorador*, o melhorador em quem todos confiam e que todos devem estimar.

Comecei com algumas palavras de Luc Durtrain. Permiti que de outras me socorra para terminar. Então, depois do iniludivel triunfo de tão elevadas idéas "no agudo pincaro do Corcovado, como um desafio lançado á imensidade

das cousas, a gigantesca efigie do Cristo, de braços abertos, de longe parecerá uma expressão matematica imposta ao mundo pelo Homem: algebra humana acrescentando ao infinito o sinal *mais!*"

Até hoje os politicos brasileiros teem acrescentado ao Brasil quasi sempre o sinal *menos*. O nosso patriotismo e a nossa convicção nos impõem o dever de acrescentar-lhe o sinal *mais*. (1)

---

(1) Conferencia realizada na União dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro e na Escola Normal de Niteroi.

O INTEGRALISMO NO SENTIDO CONCRETO

Mostrados os fundamentos filosoficos do Integralismo e estudado êsse movimento no sentido da realidade brasileira, devemos explicar pormenores e concretamente suas idéas, recorrendo ao seu Manual ou Catecismo e desenvolvendo os pontos principais nêle contidos.

"Que é o Integralismo?" pergunta. E responde: "O Integralismo, dum modo geral, encarado como filosofia, é a concepção totalitaria do Universo, quer no tocante ás suas representações formais, quer no referente ao sistema de movimentos. O Integralismo, portanto, compreendendo o Mundo dum modo geral, aceita a idéa de Deus e do Espirito e pretende construir a sociedade segundo o sentido de sua essencia espiritual e material, e de acordo com as leis de seus movimentos."

O que aí está mostra a grandeza da nossa concepção. Não nos limitamos á vulgaridade dum programa politico, duma plataforma de

governo ou dum conjunto de promessas administrativas. Consideramos o universo como um todo integral, embora a multiplicidade de suas manifestações diferenciais; vemos a sociedade em função dêsse universo, e o homem em função dessa sociedade. Não queremos voar somente com a asa da ciência, porque com uma asa só ninguem vôa; nem pretendemos a mêsma cousa com a asa da razão, pelo mêsmo motivo; e nem admitimos o vôo com ambas, sem cabeça, sem a direção da moral superior, por que seria vôar ás cegas. Não temos unicamente o olho esquerdo para vêr o áspero caminho do determinismo historico por onde se arrasta o comunismo, ou o olho direito para avistar a lamacenta estrada do racionalismo por onde patinha a liberal-democracia. Vemos ambos, alimpamos ambos e sabemos caminhar por ambos, norteados pelos impositivos superiores do espirito.

Se encaramos no universo suas representações formais, concretas, palpaveis e seu sistema de movimentos, gerado por forças ocultas, não podemos deixar de encarar, analogicamente, no homem, reflexo dêsse todo universal, a

sua totalidade: forma material, instinto natural e pensamento eterno.

Alguns escrevinhadores imbecis, sem cultura para entender nossa missão e nosso raciocinio, a cada passo nos chamam imitadores do fascismo ou plagiadores do hitlerismo. Não somos imitadores e plagiadores dum ou doutro, como não o é o grande movimento dos camisas pretas que Mosley desencadêa na velha Inglaterra. Somos simplesmente ramos da mêsma arvore, filhos da mêsma doutrina, resultados da mêsma concepção totalitaria do universo. E, como a humanidade já se acha fatigada das experiencias sociais e politicas unilaterais; como já percorreu bastante a rota do racionalismo, verificando que a leva ao abismo do individualismo capitalista; como já deu os passos necessarios na do materialismo para sentir que a levará ás trevas cheias de ranger de dentes do coletivismo marxista, os homens que estudam, pensam, meditam e fazem a grandeza da vida, marcam por toda a parte o ritmo glorioso das concepções integralistas. Por isso, o comunista Rappoport escreve cheio de furia: "O fascismo espalha-se

no mundo capitalista (?) como verdadeira peste negra!" Graças a Deus! Em verdade, não ha fascismos, nem hitlerismos, nem mosleysmos, nem integralismos. Todos êsses nomes não passam de simples rótulos duma idéa já profundamente estudada; duma tese politica já claramente definida; dum movimento vitorioso, cujos estandartes desfraldados cobrirão a terra; duma ordem social e politica que servirá de pedra angular ás modernas organizações e constituições estatais; dum novo sistema juridico-social em que se inspirarão os legisladores do futuro, gloriosamente denominado "peste negra" por um comunista de marca.

"Como o Integralismo encara a sociedade?" pergunta o Manual. E responde: "O Integralismo encara a sociedade como a reunião de seres humanos que devem viver em harmonia, segundo os superiores destinos do Homem." Nós entendemos que a Vida Universal é uma marcha constante e ascendente para a Luz, numa cadeia de progresso indefinido. O homem faz parte integrante dessa Vida Universal e, portanto, segue essa ascenção. Seu aperfeiçoa-

mento tem de ser moral, tanto na essencia intima quanto nas relações com os outros sêres. E, nisso, profunda e completamente nos separamos da concepção liberal-democratica-racionalista, de moral duvidosa e hipocrita, da concepção socialista-comunista-materialista, amoral. Para nós, os fins não justificam os meios, nem os meios justificam os fins; porem causas, meios e fins se encadêam e ligam e manifestam acôrdes, de maneira que, sendo as causas naturais, meios e fins são naturais e confessaveis, não permitindo essa dedução logica e clara a interferencia do Mal. Exemplifiquemos concretamente. Como se estabeleceu no mundo a liberal-democracia, filha legitima da filosofia racionalista do seculo XVIII? Pela Revolução Francêsa que edificou sobre o sangue. O Tribunal Revolucionario fazia diariamente dezenas de vitimas subirem ao cadafalso. A bôrra da populaça chacinava os presos no pateo das prisões. Em Lyon, o canhão metralhava centenas de criaturas de todos os sexos em execuções coletivas. E, em Nantes, Carrier afogava no Loire milhares de pessôas de todas as idades. Como se alevan-

tou na Russia o edificio vermelho do comunismo, filho legitimo do materialismo filosofico, alicerçado no determinismo historico sob a égide da dialetica hegeliana trazida do pincaro da idéa para a planicie do fáto, resultante fatal do ateismo da burguesia e destinado a devorá-la? Regando seu alicerce com sangue. Milhões de individuos pereceram e ainda perecem fuzilados a metralhadora nas praias do mar Branco, exilados nas geladas ilhas Solovetzki, condenados a trabalhos forçados nos Urais, desterrados no frio da Siberia, tiroteados nas ruas ou assassinados a revolver nos subterraneos da Checa e da Gepeú, tantos que as vitimas de toda a tirania ensanguentada dos tsares, dêsde Ivan o Terrivel, não atingem á quarta parte do seu total.

Atentai, depois na grande revolução fascista e na grande revolução hitlerista, que mudaram completamente os destinos da Italia e da Alemanha, que alastrarão o mapa das nações e modificarão a face politico-social do planeta; atentai e vereis que nem em Roma, nem em Berlim ninguem foi fuzilado, metralhado, afogado ou executado de qualquer outra forma por or-

dem dos vencedores. Excetuando alguns tiroteios e lutas de rua em que tombaram algumas dezenas de vitimas de lado a lado, friamente, conscientemente, nenhuma gôta de sangue se derramou.

Isto não quer dizer que não apliquemos a força quando preciso fôr. Aplicá-la-emos. Saberemos aplicá-la sem crueldade, sem infamia, sem mesquinharia, dentro da moral e da humanidade, porque compreendemos e levamos em conta os destinos superiores do homem.

Não queremos, pois, a luta entre os individuos, geradora dos partidos e das guerras civis; não queremos, pois, a luta entre as castas, geradoras das guerras de classes. Da luta dos partidos vive a liberal-democracia com a mentira do voto e a fraude eleitoral. Da luta de classes se aproveita o socialismo e do esmagamento de todas em favor duma só vive o comunismo. Nós não reconhecemos partidos nem castas e vivemos da harmonia dos individuos e da cooperação das classes, dentro da ordem, da hierarquia e da disciplina.

Essa ordem, essa hierarquia e essa disci-

plina regem, em todas as manifestações do Cósmos, os destinos universais. Por que somente o homem ha de querer fugir-lhes, teimando na utopia racionalista-individualista de ser seu proprio pontifice e seu proprio legislador, teimando na utopia materialista-coletivista de ser a molecula sem personalidade dum todo, doutrinas ambas destruidoras da ordem e creadoras do arbitrio e da violencia. Por isso, como diz o primeiro item do Manual, pretendemos construir a sociedade de acordo com as leis dos seus movimentos, isto é, de acordo com as leis dos movimentos do universo.

Passemos ao terceiro item: "Como o Integralismo entende o Homem? — O Integralismo entende o Homem como um ser de triplice aspiração: material, inteletual e moral. Essas aspirações devem ser satisfeitas dentro dos limites impostos pelo imperativo da harmonia social". O conhecimento do homem é indispensavel ao legislador, pois é para o homem que êle faz as leis. Até os manuais comunistas começam pelo capitulo: "O homem é um ser social". Como desconhecê-lo, se dêle promana e a êle se

destina a legislação? Ignorá-lo, o mêsmo seria que ignorar o arquiteto o material do edificio que vai construir ou o marceneiro as madeiras que vai empregar. Ora, o homem não é somente um animal em que o espirito é simples função da materia, segundo o marxismo. Feuerbach, seu predecessor, faz tudo depender da materia do cerebro e quer que o *pensar* seja simples "consequencia e propriedade" do *existir* — "*Folge und Eigenschaft*". "Para mim — escreve o proprio Marx — o ideal não é mais do que o natural transformado pelo cerebro humano." Plekhanov, seu exegeta, acha que o ser material é o sujeito e o pensamento mero atributo, e que, se assim não fôsse, estaria quebrada a unidade do homem. O espirito é, pois, materia modificada para Feuerbach-Marx-Engels-Plekhanov. Não é somente, tambem, uma inteligencia, conforme as teorias racionalistas; porem um ser organizado materialmente de modo superior aos animais, dotado de razão relativamente livre e dum principio supremo, metafisico, divino, susceptivel de degradação e de eleva-

ção, com a noção de todas as cousas, — "a ciência da imensidade e da eternidade".

Não temos como o hermeneuta Plekhanov medo de quebrar a unidade do homem, dando-lhe tres naturezas em lugar de duas, ponto a que atingiu com esforço o seu pensamento. E, considerando-o ternario, ainda o admitimos quaternario, quando encaramos a unidade aparente que resulta de sua triplice natureza: materia, sub-consciente e consciente.

Nos meios materialistas, teve retumbante exito, com banda de música e foguetes, causando ainda hoje grande satisfação ao ser repetida, a famosa frase daquêle medico notavel que dizia ter feito milhares de operações e autopsias sem nunca encontrar a alma na ponta do bisturi. Eis um raciocinio á maneira daquêle de Engels na sua teoria de conhecimento: *The proof of the pudding is in the eating.* Só se póde provar o pudim comendo-o... Não conheço argumento mais infantil. Tal sabio teria coragem de negar a electricidade, porque a não vê. E' verdade que aduziria conhecer seus efeitos. Ha-

verá, porventura, quem não conheça e não sinta os efeitos do espirito?

Escrevendo ha quasi um seculo a *Histoire Philosophique du genre humain*, o erudito Fabre d'Olivet dizia: "O homem é dotado de triplice natureza, podendo, portanto, viver triplice vida: instintiva, animica e inteletual. Essas tres vidas, quando em pleno desenvolvimento, confundem-se numa quarta, que é a vida propria e volitiva dêsse admiravel ser..."

Tomai uma semente de manga e meditai no que nela se contem. Ninguem, nem o mais obsecado materialista, será capaz de negar haver ali uma mangueira em energia de potencial, susceptivel de brotar da terra, crescer, florescer, frutificar e reproduzir-se. Levai-a ao laboratorio e decomponde-a quimicamente: encontrareis nela todos os seus elementos constitutivos, menos aquela energia de potencial oculta, que é o segredo divino da vida. Isso não é cousa que se ache em retortas ou se espete em bisturis. Tentai fabricar a semente e vereis que é impossivel. A vontade do homem, contingente, unila-

teral, póde destrui-la. Não póde, entretanto, refazê-lo ou forçá-la á produção de outra arvore diversa daquela que traz em energia de potencial, em principio, *in principium*, como dizem o Genesis e o Evangelho de S. João.

O homem, como a semente, está adstrito ao determinismo das causas e dos efeitos, e tambem a êsse principio oculto, misterioso, invisivel, iniludivel, superior, tendo, demais uma razão que serve de liame a essas duas forças e nelas encontra seu limite. Se o legislador quiser ver nêle unicamente estomago e faculdade reprodutora, terá de cingir-se ao materialismo, ao determinismo historico, constituindo a sociedade na base dos fenomenos economicos com desprezo dos demais e obrigando-a a uma marcha continua para o que se chama Esquerda, que a levará fatalmente á destruição no desequilibrio dos coletivismos. Marx, por exemplo, só admite a estrutura economica e tudo faz depender das chamadas relações de produção. Para Engels, todos os desenvolvimentos juridicos, filosoficos, literarios e artisticos, repousam sobre o economico. Se quiser contemplar somente a razão e

a vontade terá de limitar-se ao racionalismo e de construir a sociedade sobre o alicerce das manifestações puramente racionais e volitivas, forçando-a a uma marcha em sentido contrario ao outro, que a conduzirá, como estamos vendo, á destruição pelo enfraquecimento individualista e pelo egoismo feroz.

Para nós, o imperativo da harmonia social está em condicionar essas duas forças por uma terceira, de acordo com a natureza triplice do homem e sua triplice aspiração, dando-lhe conforto material, personalidade e, como razão suprema da existencia, o espirito nas suas altas manifestações de beleza, de moral e de religião. Não guerreamos Deus como o bolchevismo, nem cultuamos a Deusa Razão como os revolucionarios enciclopedistas; mas submetemos a razão ás contingencias da fatalidade e ao imperio da Providencia, sem termos vergonha de acreditar na alma e em Deus. Atendemos ás aspirações instintivas e racionais, e as guiamos por um ideal superior, em lugar de desaçaimá-las e atirá-las umas contra as outras, nas lutas estereis dos partidos ou na guerra odiosa das classes.

"Como o Integralismo compreende a Nação?" indaga o Manual. E replica: "O Integralismo compreende a nação como uma grande sociedade de familias vivendo em determinado territorio, sob o mêsmo governo, sob a impressão das mêsmas tradições historicas e com as mêsmas aspirações e finalidades." Nem de outro modo a poderiamos entender, porque, sendo o conhecimento do homem indispensavel ao legislador e dêle partindo nossas concepções estatais, seriamos incoerentes se nos perdessemos no indefinido do internacionalismo comunista. Só admitimos a organização dum povo, tendo em conta seus valores positivos e êsses quem os dá? A raça, o territorio, a experiencia das gerações nos seculos. Somente é possivel uma legislação perfeita para um determinado povo, resultante natural de seu modo de ser, de sentir, de pensar, de crer, de interpretar o sentido da vida, de suas tradições, aspirações, atividades, crenças e cultura. Não queremos incidir no grave erro de copiar leis e de pôr sobre uns vestimentas cortadas para outros. Não é possivel reger todos os povos pelas mêsmas instituições. O funda-

mento filosofico da doutrina em que nos enraizamos é identico em toda a parte onde ela surja, porem a aplicação pratica dela decorrente será diversa para cada nação, de acordo com seu ambiente historico, sua vida social, seu clima cultural, suas manifestações de toda ordem.

Dessa concepção resultam duas indagações: "Como o Integralismo entende o Individuo?" e "Por que os interesses da Nação devem estar acima dos interesses individuais?" cujas respostas se basêam nas concepções já devidamente concretizadas: "O Integralismo, combatendo o egoismo que assinala a essencia dos regimens liberais, assim como o coletivismo, que é o ideal marxista e materialista, proclama o individuo indestrutivel, porem limitado pelos deveres que lhe impõem os interesses supremos da nação"; "Por que se a nação não fôr bastante forte, tambem a propria integridade do Individuo não estará garantida, de sorte que o Individuo submetendo-se aos supremos interesses nacionais, não faz mais do que defender a sua propria intangibilidade." Admitindo o es-

pirito, consequentemente admitimos a indestrutibilidade do individuo. Admitindo a nação, consequentemente temos de sobrepôr seus interesses coletivos aos interesses individuais, dentro do imperativo da solidariedade humana, não mentirosamente como a liberal-democracia e o comunismo, mas inexoravelmente.

Nesta época de verdadeira dissolução social e falta de cultura que se traduz em todas as manifestações da arte, respondemos á pergunta — "Como o Integralismo entende a Familia?" com esta clara, decidida explicação: "A Familia é uma projeção do proprio Individuo é defendido pelos limites da Familia que o homem evita sua queda no abismo coletivista. Enquanto existir a Familia, o Individuo encontra sua liberdade garantida contra os excessos do sentido coletivista da existencia." Não considerando o amor como simples áto carnal para reproduzir a especie, mas como principio superior de sociabilidade e de civilização, conservador e legislador do mundo, sabemos que a sociedade só verdadeiramente começou com os primeiros

laços conjugais. A transformação, entre os povos primitivos, do apetite cégo dos sexos num áto de união refletida, marcou uma das maiores etapas do progresso humano á face da terra. Assim se creou a familia. Abolindo-a, o comunismo faz o individuo regressar á animalidade e produz, como consequencia logica e fatal, o aborto legalizado e o abandono da prole. Ao proletariado, cujo nome está dizendo que era o homem que somente tinha prole, engoda, mistifica, tudo lhe prometendo, e até isso lhe arrebata.

"Por que o Homem deve evitar o coletivismo?" — O Homem deve evitar o coletivismo porque êle facilita a escravidão a um ou mais tiranos; dentro do coletivismo, o Homem se torna tão pequeno que se não póde defender contra a prepotencia". E' impossivel, como já está provado pelos fátos, sob pena de destruição, uma sociedade reger-se pelo comunismo puro, o comunismo denominado cientifico, filho direto do comunismo apelidado utopico, que o precedeu. As experiencias realizadas em tres lustros

na grande cobaia moscovita demonstram que ali, como em qualquer outra parte, o marxismo não passa de teoria impraticavel, degenerando forçosamente naquilo que Anatole de Monzie, autor mais do que simpático á Russia, declara no livro *Du Kremlim au Luxembourg* "um regime de estatização regressiva." Êle é realizado por inteletuais secundarios, judeus e pequenos burguêses envenenados por ambições recalcadas, explorando a incapacidade politica das massas, vivendo de marchas á ré como a NEP ou Nova Politica Economica de Lenine, de recúos como aquêle que o comunista norte-americano Max Eastmann, no *After the dead of Lenine* reconhece no modo de Zinoviev, Kamenev e Staline encararem a questão camponêsa; de modificações e interrupções de programas e planos continuos, segundo diz outro simpatizante do credo sovietico Edouard Herriot, no *La Russie nouvelle;* e, emfim, de concessões as mais inesperadas, que fazem Julio Moch escrever estas palavras no *La Russie des soviets*: "Êles estão construindo um edificio com materiais disparatados, em que o capital particular om-

brêa com o capitalismo de Estado, os monopolios, os *trusts,* os sindicatos e a politica campesina, miscelanea heterogenea em que subsistem raros principios socialistas."

A ignorancia dos materiais humanos de construção do Estado e o desprezo pelo que o homem tem de superior e digno naturalmente conduzem o comunismo, viva êle o tempo que viver, como conduziram a liberal-democracia, aos saltos, nos circulos viciosos dos empirismos e no aviltamento das tiranias, que não somente manietam corpos e absorvem pecunias, porem degradam a alma e rebaixam o espirito, aniquilando o respeito á dignidade humana na regra que diz que os fins justificam os meios, impossibilitando o homem de defender-se diluido no oceano do coletivismo, sem uma taboa de salvação — familia, patria e Deus!

Ocorre a qualquer um deante do que acabamos de explicar a outra interrogação contida no Manual: "O Integralismo é, pois favoravel ao individualismo? — Não (responde-se); por-

que o individualismo, em última análise, é a propria essencia do coletivismo. Numa sociedade onde cada um trata de si, todos se encontram fracos para se defenderem contra quadquer tirania." O comunismo e o liberalismo são o positivo e o negativo da mêsma chapa fotografica. Um sái do outro. Os excessos do segundo, enfraquecendo todos os valores positivos da sociedade, permitem a eclosão do primeiro. O individualismo liberal isola o homem e entrega-o inerme, tanto ás mãos dos governos arbitrarios e sem autoridade moral nascidos do voto, quanto ás garras das ditaduras proletarias exercidas por não proletarios, geradas nos desesperos das massas abandonadas. O Integralismo combate ambos e com mais força ainda a liberal-democracia, porque ela é a mãe de todas as teorias socialistas, quer minimalistas, quer maximalistas. Basta vêr como Karl Marx tomou do idealismo de Hegel, para quem o espirito era o unico motor da historia, a dialetica e a transformou, afim de nela fundar seu sistema. Do idealismo de Hegel que Feuerbach alinha com o idealismo transcendental de Kant como paren-

tes das concepções teologicas!!... E o Integralismo, conforme os itens de seu Manual, defende o Individuo, sua Familia e suas iniciativas, não permitindo que êsse individuo se afirme de modo exagerado, o que é o erro primacial da liberal-democracia. Porque o exagero do individualismo é tão nocivo quanto o do coletivismo. Ambos prejudicam desta fórma a marcha progressiva da humanidade, obrigando-a a coxear e desprezar aquêle luminoso letreiro traçado em fogo nos muros da sala das orgias reais de Babilonia, que anunciava um castigo por ter sido transgredido: MANE — TÉCEL — FÁRES: Peso — Conta — Medida!

O Integralismo quer a construção do Estado Integral, do Estado que exprima a Nação Total, a Sociedade funcionando harmoniosamente, a Familia integra, o Individuo nitido. O Estado Integral é o expoente da nação, o resultado de todas as suas forças, a soma de todos os seus valores positivos, a coordenação de todas as suas atividades, a sintese de todas as suas aspirações e o produto de sua

cultura. A Nação Total é a nação considerada nas tres ordens de seus fenomenos: economicos, racionais e espirituais, e não numa só; nação-fáto, nação-experiencia, conjunto de carateristicas fisicas e etnicas, sumula de tradições, de crenças, de anélos, integralizando-se em finalidades certas. A Familia Integra é a familia organizada de acordo com os costumes seculares do povo, respeitada pelo consenso unánime, dignificada pelo respeito e assegurada pela lei. O Individuo Nitido é o homem visto pelos seus tres aspétos, dirigido em virtude dessa compreensão de suas tres naturezas e respeitado pela sua dignidade e pelo seu espirito, o homem-economico, o homem-civico e o homem-espiritual reunidos numa só individualidade perfeitamente determinada.

— "Como se constrói o Estado Integral?" interroga o catecismo, explicando logo: "Organizando-se, antes de tudo, as corporações profissionais; a estas incumbe eleger seus proprios representantes. São êstes que escolhem o Chefe da Nação, ao qual deve ser dada completa auto-

ridade. Organizado assim o Estado, êste não póde permitir se formem, fóra de seu circulo de ação, quaisquer forças que o possam ameaçar. Tudo deve ser visionado, vigiado, orientado pelo Estado Integralista." Nem emporocracia, nem autocracia, nem monarquia nos conceitos antigos, nem ditadura proletaria ou cientifico-positivista; porem uma verdadeira sinarquia resultando naturalmente da organização social, acorde com a natureza do homem, correspondente aos movimentos universais, isto é, dentro do ritmo hierarquico, disciplinado e seguro da Vida Universal. Nem excrescencia como as creações estatais da razão burguêsa, nem enxerto como as creações estatais do instinto proletario, mas produto do pensamento e da sabedoria, destinado a guiar e satisfazer o instinto dentro dos limites precisos, a guiar e satisfazer a razão sob o signo espiritual dominador.

Cupola do edificio social, centro dum sistema, tudo ilumina e tudo atrái, ao mêsmo tempo que tudo representa. Interfere na Economia por meio de seus institutos técnicos, evitando as intervenções indebitas, inhabeis, interesseiras,

deshonestas ou ignorantes de grupos ou individualidades. Dirige a Educação "no interesse de sua propria perpetuidade", sem aniquilar o individuo e a familia, como faz o comunismo, antes garantindo suas esferas proprias de atividade, de maneira a crear elementos morais de colaboração: religião, amor da familia, tradições, arte, qualidades raciais.

Para nós, integralistas, não ha luta de classes, como não ha guerra de partidos. Vemos no Estado um todo de que participam todas as classes, como em uma classe entram todos os individuos que agem e produzem no seio de sua atividade. Não consentimos na formação de partidos. Não estamos para perder tempo com discussões e divisões. O mundo está doente; o Brasil, tão doente quanto o mundo. Estamos convencidos que o unico remedio salvador para ambos é a doutrina integralista. Temos, portanto, de cumprir o que reputamos nosso dever, aplicando-o, se pudermos, quer o doente queira ou não queira. Não nos importa a sua vontade e ainda menos a oposição que nos façam. O que nos importa é obter força para impor a nossa

medicina. Ou seremos um dia um blóco e realizaremos o nosso fito ou desapareceremos. Creio, porem, que não desapareceremos, porque o ritmo do universo pulsa hoje em nosso sentido.

Se pulsa! Basta a leitura desta pagina do *Précis du Communisme*, impresso em 1929: "Le fascisme se répand dans le monde capitaliste comme une véritable peste noire. Il tient dans ses griffes la pauvre Italie, la malheureuse Espagne, les Balkans ruinés subissant le joug de la terreur blanche et la mainmise capitaliste extérieure, la Hongrie devastée et morcelée. Il a plus ou moins conquis la Lithuanie et la Pologne, menacées de crises intérieures et extérieures. Les conservateurs anglais le cajolent (*sic!*). Les réactionnaires français en rêvent (*sic!*). Les nationalistes allemands le revendiquent. D'oú vient la force du fascisme? De ceci: le capitalisme aux abois jette loin de lui son *masque démocratique*, et se défend par *tous* le moyens en allant jusqu'á l'illegalité. Le capitalisme, á sa derniére étape impérialiste, dévoile sa nature intime: il devient banditisme pur et simple. Il

retourne á ses origines, á sa période primitive, oú commerçant, corsaire et pirate ne faisaient qu'un. Le capitaliste redevient condottiére. Les Mussolini et les sous-Mussolini sont les derniers héros de la défense capitaliste *fin de régime*. La lutte entre la violence voulue et éternelle du fascisme sanguinaire et la violence imposée, provisoire et émancipatrice de la révolution communiste est inévitable, fatale."

A maior gloria dos cristãos foi terem sido perseguidos por Nero. A nossa são ataques semelhantes de comunistas que ousam falar em ilegalidade e em violencia sanguinaria!

Nossa divisão em classes obedece á concepção ternaria do homem: Trabalhadores manuais, devidamente garantidos, sêres dignos, nobres, gozando o conforto que merecem ter, dentro da Ordem, da Familia e da Religião. Não lhes prometemos, afirma o Manual, os absurdos do comunismo, mas lhes daremos efetivamente muito mais do que êsse lhes mete na cabeça. Trabalhadores do capital, chefes, dirigentes e técnicos das industrias e do comercio, com deveres impostos aos seus direitos, de maneira a evitar

parasitas, ociosos, locupletadores e exploradores. Haverá o dever do capital e haverá o dever da propriedade, afim de que ambos possam existir como forças nacionais e sociais, subordinados aos interesses da Justiça e da Nação. Trabalhadores inteletuais, concorrendo pela inteligencia, o estudo, a cultura, o genio, a beleza para o progresso espiritual, mental e material da nação, nem os parasitas ou os aulicos da liberal-democracia, nem os elementos nocivos e usurpadores como os considera o comunismo, cujas creações são luxo dispensavel, na opinião de Ratzel; porem os guias da patria, os creadores da beleza, as mais altas expressões do espirito da nacionalidade.

Concretizando nossas aspirações, objetivando nossa doutrina, compreendemos os individuos como partes integrantes de familias e corporações, estas, como partes integrantes das nações, e as nações, como partes integrantes da humanidade, sem para isso fazermos uns e outros perderem sua personalidade e seus carateristicos essenciais. Eis porque a nação, do nosso ponto de vista sintetizado no Manual, deve

ser "una, indivisivel, forte, prospera e feliz." Eis porque afirmamos que somente o Integralismo tornará o Brasil assim, livrando-o da liberal-democracia que o levou á guerra civil e á borda do depenhadeiro da desagregação, enfraquecendo o poder nacional em beneficio de oligarquias estaduais e hipotecando ou vendendo suas riquezas á voracidade do capitalismo sem patria, escravizando-o á ignorancia e á falta de saúde, ao sectarismo politico, aos corrilhos e aos aventureiros de todos os tópes.

Derrubado o trono a cuja sombra, máu grado o parlamentarismo burguês e escravocrata de figurino londrino ou parisiense, nos haviamos estratificado no sentimento da coesão nacional, nosso valor positivo básico, e proclamada a República, plagiámos inconscientemente a constituição norte-americana, sem um estudo filosofico de nossa formação social e politica. Os Estados-Unidos resultavam da liga de treze colonias inglêsas, regida cada qual por seu governo, desenvolvida cada qual com seus costumes e forças proprias. Fracas para enfrentarem, na luta pela independencia, cada uma de per si, o poder

britanico, reuniram-se numa federação em que, conservando suas individualidades já formadas, colaborassem sob um comando unico para um fim comum. Como seu proprio nome nacional indica — Estados-Unidos —, a federação ali foi um processo de coesão, que de treze entidades dispersas fez uma organização poderosa. Entre nós, deu-se justamente o contrario por culpa de juristas pedantes, sem cultura filosofica, e de influencias positivoides. Eramos um blóco que atravessara dois seculos num sentimento comum, ao influxo das mêsmas leis, penetrado das mêsmas influencias, em que os homens de governo transferidos de provincia a provincia perdiam os carateristicos regionais para atingir os altos postos argamassados com o modo de sentir de toda a nação e plasmados no grande espirito da unidade imperial. Dêsse macisso, da noite para o dia fizemos uma côlxa de retalhos de vinte e um Estados, com o veneno positivista das pequenas patrias inoculado dêsde o berço. E, assim, o regime que fôra na America do Norte um passo para a união transformou-se natu-

ralmente no Brasil num passo para o esfacelamento.

O Integralismo procura impedi-lo e pretende reintegrar o país nos seus valores positivos, na sua marcha natural, restituindo-o na sua grandeza preterita para maior grandeza numa expansão futura. Êle tem, portanto, de condenar os partidos, que, como diz o catecismo doutrinario, dividem o povo e dividirão a nação, pondo a calva á mostra de suas mentiras, abolindo o voto panacéa e consagrando-o dentro das garantias morais e materiais do corporativismo sadio. Tem de acabar com o liberalismo falso e anarquizador em prol da liberdade verdadeira que resulta da imposição da disciplina, mantendo a hierarquia dentro da justiça, a dignidade dentro da consciencia, e o poder dentro da autoridade moral e cientifica. Porque o poder sem essa autoridade é tudo o que se quiser — satisfação de apetites, arbitrio, prepotencia, esbulho — só não é poder! Tem de legitimar a propriedade como projeção natural do individuo dentro do direito que a consagra e do dever que a liberal-democracia se esqueceu de impor-lhe e que

o comunismo despreza para destrui-la. Tem de combater tanto o polvo do capitalismo internacional como o do comunismo internacional, ambos materialistas, desmoralizadores, corruptores e rebaixadores da dignidade espiritual do homem. Tem de libertar o municipio de sua longa escravidão, recolocando-o no seu verdadeiro papel de celula nacional, geradora da provincia, que, por sua vez, gera a nação. Tem de varrer as concepções baseadas somente no fenomeno puramente inteletual do liberalismo e no fenomeno puramente material do comunismo, pondo em seu lugar a organização integral em que êsses fenomenos se integram sob a regencia do espirito e da moral superior.

O Integralismo, reza o resumo do nosso credo, é disciplina, autoridade, nação organizada, fé, imperativos economicos e mentais, tudo somado numa integralização que se aproxima da perfeição tanto quanto pelo calculo integral, cujo sinal trazemos no braço, as areas duma superficie curva se aproximam da curva que a limita. Seu Estado não é enxerto, nem excrescen-

cia, nem apendice, porem resultado exponencial da soma de todos os valores nacionais.

Pregamos essa doutrina ás claras, abertamente, sem receio de cousa alguma, usamos um simbolo inconfundivel e vestimos um uniforme — a camisa verde, não porque imitemos o fascio italiano ou o alemão, não por teatralidade ou cabotinismo, mas para mostrar de público o que somos e o que queremos. Não fazemos conspirações nem propagandas ocultas como não distribuimos dinheiro, cousa que não possuimos. A nossa moeda e as nossas armas são as idéas que desassombradamente espalhamos, porque são nobres, elevadas e puras, porque não precisam de colear como viboras peçonhentas e sim de voar como aguias intemeratas. Nossa camisa é uma ostentação de nossa crença que avança impávida, mundo em fóra, contra o liberalismo e contra o comunismo, afim de salvar a humanidade da opressão dos individuos e da opressão das massas, dando-lhe a consciencia nitida de seu destino no planeta e no universo. E nossa bandeira é azul como os horizontes e como o firmamento, em contraste com os es-

tandartes vermelhos ensopados de sangue. Por isso, o alto pensamento da Humanidade está conosco para a comunhão da Grande Vitória! (1)

---

(1) Conferencia realizada na União dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro e na inauguração da séde da Ação Integralista Brasileira de Niteroi.

O INTEGRALISMO NO SENTIDO INTERNACIONAL

O tratado de paz assinado em Versalhes a 28 de junho de 1919 não é somente o instrumento juridico pelo qual se terminou a conflagação mundial que durara cinco anos; porem, mais do que isso, a expressão última dum processo histórico e o resultado duma civilização, tanto na sua feição puramente ideologica como na sua feição puramente material.

Sem incidir no erro condenavel das doutrinas unilaterais, desequilibradoras da sociedade, que encaram a vida com suas lutas instintivas e suas competições apaixonadas, temos de reconhecer que o estado proprio do homem não é o de natureza, nem o do racionalismo, nem o das ideologias baseadas somente nos fenomenos economicos, mas o estado verdadeiramente social, compreendendo-o sob o triplice aspéto do espirito, da razão e da economia. Não podemos, pois, admitir o conceito de civilização senão fundado na ordem espiritual. Quando Tertuliano,

Êstes resultados, bem como a horrivel carnificina que os precedeu, estavam previstos em letra de fôrma. Em 1882, o autor dum livro erudito e raro, *Mission des souverains,* escrevia expressamente; "Et vous verrez ce que deviendront les programmes humanitaires, l'universelle fraternité politique des peuples, les blocs enfarinés, les parades á la Plutarque, les boniments á la Brutus, le poses á la Caton, les machines electorales, les promesses anathématisant les errements des tyrans. Et, si vous supprimez par la pensée toutes le dynasties de l'Europe, si, *du boyau du dernier des prêtres étranglant le dernier des rois,* vous supposez l'Europe ornée d'autant de républiques que de nations, vous pouvez compter sur des carnages, auprés desquels les guerres puniques, celles de Gaule et de Germanie, celles du Moyen Age et celles des temps modernes, celles enfin du siécle dernier et de celui-ci, n'ont eté que des jeux d'enfants."

A falta absoluta duma sintese social tem trazido todas as nações ocidentais em continuo desassocego e em continuas guerras. Acima delas, acima das paixões de momento, acima dos

interesses ocasionais e acima dos erros e dos crimes, paira, entretanto, sempre, a intuição superior do espirito humano, buscando um meio de corrigir todos êsses desvios. E' essa intuição, essa inspiração, essa espiritualidade que temos de notar em primeiro lugar nos documentos históricos de transcendental importancia como o tratado de Versalhes.

Tão grande é a sua força que nêle, graças aos principios de Wilson, ela se mostra logo de entrada. A primeira parte do famoso código de 1919 não marca fronteiras, não impõe penalidades aos vencidos, não estabelece indenizações, sim, sob a fórma da Sociedade das Nações, procura dar ao mundo um como tribunal superior, uma instancia para quem apelar antes do recurso á guerra. Pelo pacto wilsoniano, as nações signatarias se comprometem em 26 longos artigos a não recorrer á luta armada, a manter as relações internacionais sob os fundamentos da justiça e da honra, a observar os principios do Direito Internacional Público como regra de conduta dos governos, a fazer reinar a equidade e a respeitar as obrigações mútuas, não consi-

derando mais os tratados como "teias de aranha", segundo a opinião de Pedro das Vinhas, nem como "farrapos de papel", conforme a declaração do chanceler prussiano.

A's nações reunidas em Versalhes, divididas em Principais Potencias, cinco somente, e Potencias Aliadas e Associadas, vinte e duas, faltava o alto carater moral e, póde-se dizer, legal, para impôr á terra essa obra, que se tornou mesquinha e irreal na pratica, mas que emanava dum elevado sentimento humano. Porque, em primeiro lugar, não as reunia o espirito, a cultura, a força moral — unica força verdadeira do mundo. Elas não passavam de beligerantes diretamente interessados no pleito, partes e juizes ao mêsmo tempo, exercendo a ditadura das armas vitoriosas, sem nenhum fundamento superior, embora de seu lado, na formidavel luta travada, estivessem razões morais de maior vulto, justamente as que lhes permitiram o triunfo.

Toda essa primeira parte do tratado foi o esboço dum sonho que a humanidade tem varias vezes procurado realizar, dêsde os mais remo-

tos tempos. Os velhos livros do oriente falam-nos de antiquissimas organizações religiosas e politicas, verdadeiras sinteses sociais, portanto, que chismas e lutas abalaram e subverteram. A epopéa do "Ramaiana", em que se eleva ao céu a gloria sem par de Ram, o Vencedor e o Civilizador, deixa entrever a existencia duma aliança entre as nações do seu Imperio Arbitral, prevenindo esbulhos, prepotencias e guerras. Sabe-se que, antes da invasão dos hiksos ou povos pastores, os faraós egipcios dispunham na Etiopia, na Libia e na Asia Menor duma liga de tal natureza. Dessa tradição nasceu nos imperialismos degenerados do oriente aquêle famoso e disputado titulo de Rei dos Reis, que os grandes soberanos da India, do Iran e da propria Grecia homerica tanto estimavam e que denotava sua ascendencia moral sobre os que lhes estavam subordinados. Depois da falada revolta de Irshú a que se referem livros e poemas do ciclo ariano, do desencadeamento da ambição do Nemrod biblico é que o imperialismo arbitral se modificou no imperialismo arbitrario, que nós conhecemos e cujos efeitos sofremos.

Na sua evangelização civilizadora, Orfeu creou as anfitionias gregas com o mêsmo pensamento fundamental, cujos tribuais e conselhos executivos se revestiam duma alta autoridade religiosa e cultural. A idéa vem rolando, assim, pela humanidade ha milhares e milhares de anos. Remonta até o fundo misterioso das ignotas teologias e teogonias iniciais. Perde-se nos misterios de Delfos e de Eleusis. Esconde-se na penumbra nos antigos santuarios. E' contemporánea, senão anterior, aos tijolos cozidos das soterradas bibliotecas de Babilonia, aos papiros do Egito tebano e menfita. Está no fundo dos ensinamentos de Krischna, de Moisés, de Zoroastro e de Pitagoras. No "Critias", Platão descreve, dominando os povos vermelhos da sua Atlantida lendaria. "A guerra entre os diversos reis federados — diz êle — era severamente proibida e todos eram obrigados a unir-se contra aquêle que perturbasse a chamada *paz solar*." E Bernal Diaz del Castillo alude a confederações com semelhante fim entre os primitivos toltecas, aztecas e acolhuas, que Clavijero

acredita sêrem os derradeiros vestigios da tradição atlante.

Após a guerra dos cem anos e os resultados nulos do chamado Congresso de Arras, composto de potencias mediadoras entre a Inglaterra e a França, quando Luiz XI realizava manhosamente o seu plano de centralização monárquica, Jorge de Podiebrad, rei da Boemia, pensou instituir um tribunal formado por todos os soberanos da Europa, deante do qual êles pudessem levar queixas ou denuncias contra as agressões dos outros ou mêsmo dos seus proprios povos trabalhados por idéas revolucionarias. A proposito, o historiador Louis Léger escreve: "Na esperança de realizar êsse projeto, demasiado humanitario para o seu tempo, chegou a enviar, em 1464, uma embaixada a Luiz XI, da qual existe um relatorio em lingua tcheque. Suplicava ao rei cristianissimo, em nome de sua dedicação ao interesse geral, que convocasse uma assembléa de soberanos e principes, a qual trabalharia pela gloria de Deus, pelo bem da Igreja universal e pela independencia dos Estados."

Teriamos de escrever um volume sobre o assunto, se fossemos analizar detidamente a fórma por que tal idéa foi pregada, apresentada ou interpretada pelos filosofos, pelos sociologos, pelos homens de Estado, ou pelos juristas; o universalismo de Socrates, a sociedade da especie humana de Cicero, as proposições de Santo Agostinho, de Dante, do teologo Francisco de Vitoria, do abade de Saint-Pierre, de Jeremias Benthan, de Hugo de Grotius, de Volney, de Anacharsis Clootz, de Zouch, de Wolf, de Gentille, de Bluntschli, de Bolivar, a *League of nations* de Guilherme Penn em 1625, o tribunal comum dos soberanos de Emeric Crucé ou a sinarquia universal do visconde de Saint-Yves d'Alveydre.

A maior de todas essas tentativas é o denominado Grande Designio, assoprado por Sully a Henrique IV de França e por êste proposto a Isabel de Inglaterra. Êles pretendiam "subordinar a força militar a uma legalidade e a astucia diplomatica a uma magistratura leal." Durante doze anos, até que o punhal de Ravaillac

o riscasse do número dos vivos, o soberano francês trabalhou com êsse fito, lançando-se fóra da "politica vulgar e imoral dos expedientes" para alicerçar no bem geral a solida garantia do bem particular de cada um, entretanto sem despersonalizar cada um.

Eis um ponto que se deve deixar bem claro. Nem os imperialismos arbitrais dos vetustos Reis dos Reis, nem as anfitionias órficas, nem a *paz-solar* dos platonicos, nem o tribunal de soberanos de Podiebrad, nem o Grande Designio de Henrique IV, nem o novo Cineu de Crucé, nem a Sociedade das Nações de Wilson, devem ser confundidos com os universalismos ou internacionalismos artificiais e artificiosos, que pretendem acabar as patrias, dissolver sentimen ou tradições nacionais, diluir o espirito de cada povo em favor de teorias que subvertem na mediocridade materialista tudo quanto o homem possúe de ilimitado e eterno na sua essencia espiritual. Não! Sob o doutrina geral da igualdade juridica das nações, essas mêsmas nações se manteem intangiveis e inconfundiveis na sua fórma, no seu fundo, na sua energia propria,

no seu espirito, na sua individualidade. E o ensinamento dos fátos, a reflexão e o estudo demonstram que a outra feição de internacionalismo é criminosa, porque transporta para o âmbito das nações o perigo da doutrina que somente vê a massa, esquecendo o individuo, tão grande quanto o perigo da doutrina que somente vê o individuo, esquecendo a massa. A verdadeira sintese social é a que vê os dois e, em lugar de opô-los, os harmoniza; ao invés de lançá-los ao combate, os guia á cooperação.

Aludi á força do espirito, ao poder-autoridade das idéas morais. Vêde-a na tenacidade com que essa idéa atravessa os milenios e abrolha de quando a quando, máu grado as reações violentas. Mal a Europa sái da guerra dos trinta anos, em que, sob o pretexto da religião, tres potencias derramam sangue e ouro, afim de cada qual se apoderar da Alemanha, e, não podendo atingir seus fins, em vez de crearem nela Estados independentes e juridicamente legais, tomam uma a Boemia, outra a Pomerania e outra a Alsacia, as conferencias de plenipotenciarios abertas em 1641 e prolongadas até 1648,

sem que o canhão se deixasse de ouvir, oferecem ao mundo como resultado o famigerado tratado de paz de Vestfalia. Apesar de imoral, de anti-religioso e de anti-social, a hipocrisia diplomatica dessa reunião não teve coragem de ferir de frente a idéa da justiça internacional e intitulou seu parto o "Codigo das Nações".

Nêle vamos encontrar a raiz dos esbulhos, dos erros e, diga-se a verdade, dos crimes politicos-sociais que fizeram o Ocidente viver em estado quasi permanente de guerra até a sangueira de 1914 a 1918. Seus frutos permitiram que, de então por deante, segundo um amador de estatisticas, a Europa perdesse em batalhas uma média de vinte milhões de vidas em cada seculo. A enumeração das campanhas militares e dos novos tratados que lhes sucederam, ditados pelas balas e dilacerados pelas balas, encheria muitas paginas, com o seguinte resultado concreto, na opinião dum filosofo: "O roubo de territorios a tiro de canhão tendo sido a unica politica possivel deixada, em 1648, aos governos europeus, em virtude da propria constituição fundamental de suas relações, naturalmen-

te suas deduções logicas teriam de ser todas as doutrinas e todos os fátos revolucionarios, até o comunismo e até o nihilismo."

As linhas gerais da politica européa fôram de então por deante as seguintes: a Austria impedir a França de estender-se pela margem esquerda do Reno, e pela Belgica, de entrar pela Italia, e a Russia de apoderar-se da Alemanha, dividindo-a e opondo-a á Austria, ao mêsmo tempo lançar umas sobre as outras — Russia. Austria e França; a França continuar o avanço para o Reno e para a Belgica, pôr através dos Alpes Maritimos um pé na Italia, forçando a Prussia a não se estender pela Alemanha e a Austria a não se estender pela Italia.

Examine-se bem o panorama histórico do continente pelo tempo afóra e se verificará que não tiveram outras preocupações, *mutatis-mutandis,* todos os governos monarquicos ou republicanos. Chamou-se a isso o equilibrio europeu. E a propria Inglaterra, que se apoderou do mar enquanto os outros se degladiavam em terra, exprimiu o conceito da lei da força que rege o mundo nestas palavras de Lord Chatam: "Se

fôssemos justos uma só vez, não teriamos um ano de vida!"

O Congresso de Viena, depois da queda de Napoleão, repete as partilhas do da Vestfalia, enquanto cinco soberanos e quinhentos principes e delegados gastam quarenta milhões em divertimentos e festas. O tratado de Versalhes vem eivado dos mêsmos erros e dos mêsmos vicios, sendo, todavia, superior aos que o precederam pela primazia que deu á idéa duma Sociedades de Nações, embora sem autoridade e sem força para creá-la, bem como por ter reparado grandes injustiças do passado, restaurando a Polonia e a Boemia, redimindo italianos, dinamarquêses, eslavos e rumenos que jaziam na posse de outras nações.

Lendo as partes 2.ª e 3.ª, ter-se-á a impressão mais ou menos exáta do que tem sido a extorsão ou a troca continuada, *manu militari*, de povos e territorios. Uma fixa as novas fronteiras da Alemanha. A outra dá á Belgica o Moresnet neutro e o Moresnet prussiano, Eupen e Malmedy; retira o Luxemburgo do *zollverein* tudesco; proibe as fortificações no Reno; apo-

dera-se provisoriamente do Sarre; retoma a Alsacia Lorena; reconstitue a Polonia; separa a Prussia oriental da Prussia real como antes da guerra dos sete anos; delibera sobre Memel; cria o corredor de Dantzig; restitue o Schlesvig á Dinamarca; desarma Heligoland e anula os tratados alemães com a Russia.

Basta um exemplo para mostrar como veem do passado todas essas questões aí enumeradas: a Alsacia, cedida á França pela paz de 1648, é tomada pela Prussia em 1871 e novamente entregue em 1919.

O fáto de, no taboleiro do xadrez internacional, haver mais duas peças importantes — Estados Unidos e Japão não alterou a essencia das cousas. E o sistema da paz da Vestfalia, na 4.ª parte "Direitos e interesses alemães fóra da Alemanha", foi posto em pratica com a anuencia dessas duas nações e de todas as demais. Fizeram-se caducar os tratados comerciais com o Sião e a Liberia. Distribuiram-se as colonias e concessões na China, na Asia, na Africa e na Oceania, obrigou-se o reconhecimento dos acordos aliados com a Turquia e a Bulgaria, do pro-

tetorado inglês no Egito e do francês em Marrocos, resposta ao insulto de Agadir.

As outras partes são deduções logicas da mêsma e repetem as da Vestfalia ou as de Viena: 5.ª clausulas militares sobre os efetivos e organizações navais, terrestres e aereos da Alemanha; 6.ª — troca de prisioneiros e respeito aos cemiterios, obrigações fatalmente reciprocas; 7.ª — penalidades contra o Kaiser e pessôas autoras de certos átos, simples ódio impotente de momento, comum a todos os que vencem, *verbi gratia* até os revolucionarios de 1930 com suas juntas de sanção e tribunais de exceção; 8.ª — reparações, perturbando a economia do mundo e dando pano para as mangas até hoje com a sua série de pactos Kellog e de planos marca Young ou Dawes; 9.ª — clausulas financeiras, idem; 10.ª — clausulas economicas, idem; 11.ª — navegação aerea; 12.ª — portos e vias de comunicação maritimos, fluviais e férreos; 13.ª — trabalho; 14.ª — garantias de execução; e 15.ª — clasulas diversas.

Nos limites duma conferencia, não é possivel estudar detidamente êsse codigo brotado

da maior conflagração da história, devendo eu, portanto, que não sou, graças a Deus, jurista e não passo de vulgar homem de letras, limitar-me a simples comentarios que permitam passar algum tempo sem grande maçada.

Preso ás violencias materialistas e ateistas do preterito, o tratado ressuscita cousas que se julgariam impossiveis num seculo como o nosso, lembrando disposições como aquela da convenção entre o imperador Carlos V e os cavaleiros de Rodes, para cessão aos mêsmos da ilha de Malta, mediante o tributo anual dum gerifalte branco destinado ás suas caçadas. Como ali se visava o amor cinegetico dum soberano, numa época em que a falcoaria estava na moda, aqui se tem em conta o amor proprio ou a superstição de povos bárbaros.

Na 2.ª seção "Disposições especiais" da 8.ª parte "Reparações", acharemos alguns artigos que lembram os ditados por Napoleão em Campo Formio ou em Berlim, exigindo a entrega de quadros, estátuas, a espada de Frederico ou a quadriga da Brandeburger-Thor para o arco de triunfo da Estrêla, tudo "soberbamente rouba-

do", como se diz no "Aiglon". O artigo 245 determina que a Alemanha restitúa, no prazo de seis mêses, todos os troféus, obras de arte e documentos levados da França em 1871. O 247 preceitúa que a Alemanha forneça, dentro de tres mêses, á Universidade de Lovaina uma quantidade de livros, mapas, objetos, manuscritos e incunabulos igual á que foi destruida pelo incendio; que entregue á Belgica as fôlhas do triptico do Cordeiro Mistico, pintado pelos irmãos Van Eyck, que estavam na igreja de Saint Bavon, em Gand, e passaram para o Museu de Berlim, e as fôlhas do triptico da Ceia pintado por Dierick Bouts, que estavam na igreja de S. Pedro, em Lovaina, e fôram divididas entre o referido Museu de Berlim e a Pinacoteca de Munich.

Entre êsses dois artigos, está o mais curioso, o 246, que diz, textualmente: "Nos seis mêses seguintes á entrada em vigor do presente Tratado, a Alemanha deverá restituir a Sua Majestade o rei do Hedjaz o Corão original que pertenceu ao califa Osman e foi levado de Medina pelas autoridades turcas, para ser ofereci-

do ao Imperador Guilherme II. O craneo do sultão Makaua, que foi carregado do protetorado alemão da Africa Oriental para a Alemanha, será, dentro do mêsmo prazo, entregue por esta ao Governo de Sua Majestade Britanica."

O exemplar do Corão representava uma grande religião e uma grande civilização, embora ambas decadentes; porem a caveira do régulo africano nada mais era do que uma exigencia da Inglaterra para se prestigiar junto de tribus fanaticas do oriente africano que lhe cairam nas mãos. O sultão Makaua, ou melhor Mkwawa, só se tornou celebre por ter entrado, depois de reduzido a caveira, no tratado de Versalhes. Antes o mundo o desconhecia. Quem era êle? Era o chefe duma tribu negra que opôs longa e tenaz resistencia á conquista de seu territorio pelos colonizadores teutonicos. Uma expedição comandada pelo capitão Prinz derrotou-o, matou-o, degolou-o e remeteu a cabeça para Berlim.

Reunida a Conferencia da Paz, os negros, que, de acordo com a tradição de seus antepassados, já o tinham na conta de divindade tute-

lar, mandaram pedir a Lloyd George a restituição do macábro troféu, fiando-se no conhecido respeito dos inglêses pelas crenças de seus subditos coloniais. "Quando Otoyom morreu — diz a lenda cosmogonica africana de Bingo — êste lavou-lhe o corpo e o sepultou cuidadosamente, tendo, antes, porem, decepado o seu cráneo para conservá-lo em casa e honrá-lo nos dias de festa solene, untando-o de óleo e tinta vermelha, afim de que o espirito de Otoyom ficasse sempre com Bingo. Foi o proprio Bingo quem ensinou aos homens que guardassem no Evara os cráneos dos antepassados para render-lhes culto e ter sempre consigo os espiritos dêles. Cubram-se de vergonha os que não respeitam as caveiras de seus avós!" Os negros, naturalmente, não quiseram cobrir-se de vergonha e fizeram o possivel para que constasse do novo codigo das nações a esdruxula proposição. E, como isso não custava muito, seus desejos fôram satisfeitos.

Alguns anos mais tarde, êles reclamaram o cumprimento da clausula caída em completo esquecimento e os alemães, que não tinham as

mêsmas razões morais, tradicionais e religiosas dos africanos para lustrar de óleo e de verniz sangrento o cráneo do sóba divinizado, viramse em apuros para encontrá-lo, pois ninguem sabia mais onde parava. Acabaram, enviando ao Foreign Office de Londres tres caveiras e garantindo que a requisitada devia ser uma delas. O governo britanico mandou-as aos pretos afim de que escolhêssem... *L'embarras du choix*...

O caso faz-me lembrar outro acontecido no Ceará, quando eu era menino. Uma senhora viuva residente em Manáus, cujo marido falecêra havia anos em Fortaleza, pediu ao sr. Candido Maia, administrador do cemiterio, que lhe remetesse os ossos de seu esposo. O sr. Maia procedeu á exumação e embarcou tudo bem acondicionado numa caixa de lata. Pela volta do correio, a viuva escreveu-lhe, muito espantada: "Recebi a ossada e fico-lhe agradecida pelo seu trabalho. Entretanto, estou admiradissima da mudança de meu marido com a doença de que morreu aí. Êle não tinha um unico dente e usava dentadura postiça. Apesar disso, a caveira que o sr. me mandou tem todos os dentes

e alguns obturados a ouro!... O sr. garante que é mesmo a do meu marido?"

Identica pergunta pódem os africanos fazer aos alemães: os senhores asseguram mêsmo que essas caveiras são do sultão Makaua?...

Vê-se que, no tratado, ha de tudo, a grande idéa social, o intuito superior, a convenção juridica, o estatuto anti-juridico, a disposição anti-social, o personalismo, a violação de principios e até a pilheria diplomatica. E é justiça assinalar que o intuito superior foi unicamente o de Woodrow Wilson.

Os tratados que lhe sucederam hão de todos se lhe assemelharem, como êle se assemelha aos que o precederam. Porque até agora os povos esgotam no interior a sua vida nacional, presas de anarquias, despotismos, revoluções, erros politico-sociais, centralizações, armadas, arriscando-a no exterior em intrigas diplomaticas e guerras, sem a coragem de compreender a necessidade iniludivel da verdadeira ordem e da verdadeira hierarquia, teimando em somente encarar os problemas politicos e os problemas economicos em manifestações diferenciais, não os

integrando nos imperativos superiores da moral e da ciência. A experiencia social tem demonstrado e ainda vai demonstrando que as constituições dos povos sob o signo da liberal-democracia ou do socialismo não passam de "irrealidades perigosas destinadas a serem violadas pelos governantes, se são fortes, ou ao assalto dos revolucionarios, se são fracos." Já é tempo da humanidade sair dêsse atoleiro pela porta larga duma verdadeira Ordem Social, emanada da vida espiritual, do espirito de justiça, do espirito de verdade, do espirito de beleza, e que seja creada, aproveitando tudo o que a sociedade tem de útil e bom, sem o recurso á destruição sistematica do passado, prova definitiva de incapacidade de construir. (1)

---

(1) Conferencia realizada na inauguração do Centro Osvaldo Spengler, na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, na data aniversaria do Tratado de Versalhes, 28 de junho de 1933.

INDICE

Obras Integralistas

por Gustavo Barroso

	vol. br.
O QUE O INTEGRALISTA DEVE SABER — 4.ª edição . .	6$000
O INTEGRALISMO DE NORTE A SUL — 2.ª edição . .	5$000
O INTEGRALISMO EM MARCHA — 2.ª edição	5$000
BRASIL, COLÔNIA DE BANQUEIROS — 5.ª edição . .	6$000
A PALAVRA E O PENSAMENTO INTEGRALISTA . . .	6$000
ESPIRITO DO SECULO XX . .	6$000
O INTEGRALISMO E O MUNDO	6$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

◆

EDIÇÕES DA

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S/A - Editora

Rua Sete de Setembro, 162

RIO DE JANEIRO